



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
TEORIA PSICANALÍTICA (PPGTP)

O FENÔMENO DO DUPLO NA CLÍNICA COM AS PSICOSES

RAFAELA AMARAL CUNHA DO NASCIMENTO

Rio de Janeiro

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA (PPGTP)

O fenômeno do duplo na clínica com as psicoses

Rafaela Amaral Cunha do Nascimento

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (Instituto de Psicologia), da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica

Rio de Janeiro
Março de 2020

O FENÔMENO DO DUPLO NA CLÍNICA
COM AS PSICOSES

Rafaela Amaral Cunha do Nascimento

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

APROVADO PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Joel Birman (UFRJ) – Orientador

Prof. Dr. Fabio Malcher (UFRJ) – Coorientador

Profª. Drª. Ana Beatriz Freire UFRJ)

Prof. Dr. Carlos Costa (UFF)

Rio de Janeiro

2020

Nascimento, Rafaela Amaral Cunha Do.

O Fenômeno Do Duplo Na Clínica Com As Psicoses / Rafaela Amaral Cunha Do Nascimento. – 2020.

75 f.

Dissertação (mestrado) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA, Rio de Janeiro, 2020.

Orientação: Prof. Dr. Joel Birman.

Coorientação: Prof. Dr. Fabio Malcher.

1. psicanálise. 2. duplo. 3. psicose. 4. autismo. 5. alteridade. I. Título.

“É difícil considerar estranha uma pessoa que é igual a mim, Deixe-a continuar a ser o que foi até agora, um desconhecido, Sim, mas estranho nunca poderá ser, Estranhos somos todos, até nós que aqui estamos”

(SARAMAGO, J - O Homem Duplicado.)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha família, por ter sempre confiado e acreditado em mim. Em especial, ao meu pai, por ter me ensinado o valor e a importância de optar por uma vocação que nos escolhe. E à minha mãe, que teimou comigo todos os meus sonhos, sempre me oferecendo sua força e amor incondicional para seguir sonhando.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Teoria psicanalítica da UFRJ, pelos ensinamentos e discussões. De forma muito especial, ao meu orientador de trabalho Fabio Malcher. Pela acolhida e transmissão de saber desde a graduação, e por sempre se dispor a confiar, ensinar e contribuir, apoio esse fundamental para que essa pesquisa tenha sido possível.

À Ana Beatriz Freire, pelas contribuições preciosas que auxiliaram na escolha e no recorte desta pesquisa, e também em seu importante papel de supervisora clínica, onde me ensinou a igual importância para o manejo clínico de saber me autorizar e saber por meu limite.

À Angélica Bastos pelas preciosas colaborações no exame de qualificação e pelos importantes ensinamentos e debates durante suas aulas.

Ao Joel Birman, pela minha acolhida ao programa.

Ao Carlos Costa, pelos ensinamentos e orientações que contribuíram para experiência clínica de onde parte essa pesquisa, e pela gentileza de participar da banca examinadora.

Agradeço também aos meus amigos e amigas, todos aqueles que me escutaram, aconselharam e incansavelmente me apoiaram nessa jornada. As minhas colegas de jornada, Danielle Cervino e Beatriz Alves, pela determinação na qual me inspiro, e por dividirem comigo essa aventura que é escolher a área acadêmica.

Ao Marcos Nascimento, pelo companheirismo, por insistir em acreditar em mim até quando eu não podia.

Às minhas amigas Amanda Fasano, Amanda Vilela, Heloisa Berner e Juliana Taboada, que nunca se afastaram em qualquer que seja a distância, sempre se fazendo presentes com carinho e acolhimento.

Ao Nicholas Alvares, pela atenção carinhosa, por toda escuta paciente com à minha angústia e pelos diálogos acolhedores compartilhando o processo de escrita.

A toda equipe do Projeto Circulando, pela parceria e pela grande contribuição em minha formação profissional. Em especial ao meu “duplo particular” Rafaela Sampaio que, mesmo com as minhas ausências, sempre foi um suporte nas descobertas e nas angústias inevitáveis

que vem com a inserção na clínica. Para todos os supervisores e colegas, que se fizeram presente na construção dessa aposta de trabalho, obrigada por terem a paciência de ouvir e dialogar, me ensinando lições preciosas.

Ao meu analista, por me apontar que o mais urgente é o desejo que me mobiliza.

Agradeço também a todos meus pacientes e analisandos, pela aposta recíproca que reiteram a cada sessão. Todos os questionamentos, falas e criações me inspiraram na construção desta pesquisa e me levaram ao estado de encantamento que me encontro pela clínica psicanalítica.

RESUMO

A presente dissertação tem como tema o fenômeno do duplo na clínica com as psicoses. Inicialmente, apresentamos a relação do duplo com a constituição subjetiva, entendendo que, para se constituir o Eu e o corpo, se faz necessária a passagem pelo acolhimento do Outro, onde se originam os primeiros duplos do sujeito. Assim, compreende-se também que essa dinâmica fixa a criança em uma imagem que a aliena em si mesma, formando o traço de uma identificação primária que carrega em si uma tensão imaginária, formadora também das vivências do duplo. Nesse sentido, a formação do duplo nos remete ao início das construções teóricas de Freud, onde a ação psíquica realizada pela ajuda alheia promove a experiência de satisfação, e também ao campo do narcisismo, onde o duplo apareceria como uma defesa do Eu, que produz um desdobramento da imagem de si para superar uma ameaça de aniquilação. Temos também com Freud a relação do duplo como uma expressão dentro do domínio do *Unheimlich*, enquanto um lugar ao mesmo tempo íntimo e externo. Nesse sentido, apresentamos também a contribuição de Lacan sobre o conceito de êtimo e sua relação com o objeto *a*, onde a partir da extração desse objeto é possível com a incidência do significante simbólico que separa *das Ding* e Outro. Com isso, compreende-se que a forclusão desse significante primordial, postulado por Lacan como o Nome do Pai, gera para o sujeito psicótico um desamparo frente a linguagem, como também um impasse frente à dimensão da lei e da alteridade. Testemunhou-se, contudo, como o duplo pode servir como apoio para o sujeito psicótico se apresentando como um suporte de abertura para alteridade. A partir das construções empreendidas pelos próprios sujeitos, este trabalho apresenta fragmentos clínicos onde se revela como a relação de apoio no duplo pode se apresentar tanto como um suporte via imaginário, como também como um suporte via real. Na via imaginária, o duplo pode servir como uma identificação pela relação especular. Entretanto, quanto mais vimos o duplo tomar um caráter excessivo para o sujeito, mas essa relação se aprofundava em uma relação de coexistência invasiva e agressiva. Pelo real, o duplo demonstrou ser um instrumento que promoveu uma organização corporal e uma animação pulsional, na qual foi possível construir uma forma de enunciação que auxiliou o sujeito na saída de um modo de gozo solitário.

Palavras-chave: psicanálise, duplo, psicose, autismo, alteridade.

ABSTRACT

This dissertation has as its theme the phenomenon of the double in the clinic with psychoses. Initially, we present the relationship of the double with the subjective constitution, understanding that, in order to constitute the Self and the body, it is necessary to pass through the reception of the Other, where the subject's first doubles originate. Thus, it is also understood that this dynamic fixes the child in an image that alienates him / herself, forming the trace of a primary identification that carries with it an imaginary tension, which also forms the experiences of the double. In this sense, the formation of the double takes us back to the beginning of Freud's theoretical constructions, where the psychic action performed by the help of others promotes the experience of satisfaction, and also to the field of narcissism, where the double would appear as a defense of the Self, which produces an unfolding of the image of oneself to overcome a threat of annihilation. We also have with Freud the relationship of the double as an expression within the Unheimlich domain, as a place that is both intimate and external. In this sense, we also present Lacan's contribution on the concept of ecstasy and its relationship with object a, where from the extraction of that object it is possible with the incidence of the symbolic signifier that separates from Ding and Other. With this, it is understood that the foreclosure of this primordial signifier, postulated by Lacan as the Name of the Father, generates for the psychotic subject a helplessness in the face of language, as well as an impasse in the face of the dimension of law and otherness. It was witnessed, however, how the double can serve as support for the psychotic subject presenting itself as an opening support for otherness. Based on the constructions undertaken by the subjects themselves, this work presents clinical fragments where it is revealed how the support relationship in the double can present itself both as a support via imaginary, as well as a support via real. In the imaginary way, the double can serve as an identification by the specular relation. However, the more we saw the double take on an excessive character for the subject, but this relationship deepened into a relationship of invasive and aggressive coexistence. In reality, the double proved to be an instrument that promoted bodily organization and a pulsating animation, in which it was possible to construct a form of enunciation that helped the subject to leave a mode of solitary enjoyment.

Keywords: psychoanalysis, double, psychosis, autism, otherness.

Índice

Introdução	1
CAP. 1 - A TEMÁTICA DO DUPLO E A ESTRUTURA PSICÓTICA NO REFERENCIAL PSICANALÍTICO	
1.1 - O duplo e a constituição do Eu:	6
1.2 - O duplo e o <i>Unheimlich</i> :	13
1.3 - Sobre a estrutura psicótica	19
1.3.1 - Paranoia e autismo: Distinções pela perspectiva do duplo imaginário e duplo real	27
CAP. 2 - O DUPLO COMO FENÔMENO NA CLÍNICA PARA A PARANOIA	
2.1 O duplo como suporte imaginário	37
2.1.1 Caso Pedro: O Menino Gavião	42
2.2 O duplo e a agressividade imaginária	45
2.2.1 Caso Pedro: Duas Caras	53
CAP. 3 - O DUPLO COMO FENÔMENO NA CLÍNICA PARA O AUTISMO	
3.1 O duplo e a constituição corporal	57
3.1.1 Caso Nathanael: os bonecos-duplos construindo um corpo	64
3.2 O duplo e a dimensão da linguagem	67
3.2.1 Caso Nathanael: o duplo na enunciação de um garoto	72
4. Conclusão	76
5. Referências	82

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como tema o fenômeno do duplo na clínica com as psicoses. A escolha pelo tema veio a partir do meu percurso na clínica, no atendimento de casos que foram acompanhados por mim na experiência como estagiária no Projeto Circulando e na clínica do Departamento de Psicologia Aplicada – DPA da UFRJ. Foi a partir da hipótese elaborada em supervisão de que uma das minhas pacientes se utilizava de um duplo em seu processo de análise que iniciei os estudos para compreender o que seria e se realmente se tratava da manifestação do fenômeno do duplo.

O fenômeno do duplo é explorado a todo tempo pela literatura e dramaturgia, relacionando o seu surgimento com o sobrenatural e o fantástico. Como coloca Freud (1919), a criação literária pode construir uma realidade baseada numa ilusão, e assim, surpreender o espectador ao fazer com que ele se sinta traído pelas suas próprias crenças. O duplo, então, se apresenta como uma forte ferramenta para promoção desse efeito nos contos, pois ele promove a incerteza no leitor se a sua figura é aparentemente um ser vivo ou seu contrário.

Nesse terreno de confusão e ambiguidade, Freud (1919) apresenta que o duplo consegue alcançar tais efeitos por sua relação com a expressão do *Unheimlich*. Como explica Iannini e Tavares (2019, p.7), no texto freudiano vemos o domínio do *Unheimlich* se apresentar como uma palavra-conceito, onde testemunhamos Freud se utilizando de um adjetivo alemão para manifestar um sentimento de estranheza. Para os autores, também, a extensa análise lexicológica que Freud se empenha no artigo de 1919 é no intuito de não só elevar essa expressão para um estatuto de conceito para teoria psicanalítica, como cingir o real que esse domínio recorta em suas diferentes traduções.

Diante das diferentes formas que observamos o *Unheimlich* se expressar nas traduções para outras línguas, não é de se surpreender com o desafio que é transmitir o domínio do *Unheimlich* para o português, já que o termo esbarra no limite do intraduzível: "não é o que não pode ser traduzido, mas o que não cessa de (não) traduzir" (CASSIN, 2018, p.17 *apud* Iannini e Tavares, 2019, p. 8).

Dentro dessa difícil escolha, optamos nesta dissertação em acompanhar a tradução de *Unheimlich* oferecida pela editora Autêntica (2019) ao adotar o termo

infamiliar que, como testemunha seus editores, busca deixar em evidência tanto a inevitável problemática de intradução, como faz menção ao caráter ambíguo do termo apreendido por Freud. A escolha pelo infamiliar como tradução também é embasada por outro critério, mediante ao uso do familiar na língua portuguesa:

Não é incomum experimentarmos situações que nos fazem dizer coisas do tipo: “seu rosto me é familiar!” “isso me soa familiar”, “este lugar me é tão familiar!”; mas nesses casos, não raro, ao pronunciarmos “familiar” insinuamos, numa corrente silenciosa e inaparente, também seu exato oposto. Como se, na verdade, disséssemos algo do tipo: “seu rosto me é familiar [mas não me lembro de onde] (...) Nesses casos, estamos diante de ressonâncias e reverberações bastante ambíguas – ou mais precisamente antitéticas – da expressão “familiar”: trata-se de algo que, por um lado, reconhecemos como íntimo e já conhecido, mas, por outro lado, percebemos como desconhecido, como estranho e inquietante, como esquecido e oculto, de e em nós mesmos. (Iannini e Tavares, 2019, p. 10).

No esclarecimento dessa escolha de tradução, ressaltamos também a posição que o uso de infamiliar coloca ao destacar uma negação diante dessas reverberações ambíguas que *Unheimlich* apresenta. É nessa direção que vemos Freud trabalhar esse domínio, destacando o duplo como o elemento que mais evoca o efeito do infamiliar. Evidenciando as formas nas quais o duplo se apresenta e traçando um paralelo com os contos de Hoffmann, Freud (1919), apoiado também nos estudos de Rank (1914), apresenta que não só com o caráter de estranheza o duplo se manifesta. Ele destaca o outro lado desse *Unheimlich*, a familiaridade que o duplo se relaciona justamente porque o este já é conhecido ao sujeito em seu papel na constituição subjetiva.

Como também coloca Martins (2017) em sua pesquisa sobre o duplo, é fundamental destacar que esse fenômeno não é exclusivo de uma estrutura clínica, pois, como antecipamos, ele é uma importante parte do processo de constituição de todo sujeito. Mas reafirmamos aqui a escolha por trabalhar esse fenômeno pela ótica da estrutura psicótica visto que essa se impôs pelo próprio percurso de nossa formação, em especial a partir do trabalho pelo Projeto Circulando¹.

O projeto Circulando, como apresenta Ana Beatriz Freire (2014), surgiu na tentativa de responder ao impasse vivido pelos jovens autistas e psicóticos, que, após

¹ Nos referimos aqui ao projeto de pesquisa “Circulando entre invenções : um novo dispositivo clínico com jovens autistas e psicóticos”, do Programa de Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da UFRJ, coordenado pelos professores Ana Beatriz Freire e Fabio Malcher.

completarem a idade limite para atendimento em instituições públicas infantis, passavam por um difícil processo de desligamento. Assim, partindo da ideia de criar novos circuitos e atividades com estes jovens, o Projeto Circulando surgiu na forma de dispositivos clínicos que pudessem responder a tal demanda, realizando atendimentos onde esses sujeitos, da sua forma, pudessem circular, fazer laços de forma mais autônoma, trabalhando a convivência através de uma construção mais singular e menos invasiva.

No que tange a este trabalho, acompanhei em meu percurso no projeto como esses sujeitos apresentam uma multiplicidade de invenções para lidar com seus impasses estruturais. Nesse caminho, o duplo se apresentou como um recurso eleito pelos participantes de diversas formas, sempre em relação com suas singularidades. Ao acolher tal testemunho de saber do sujeito, busquei investigar como o fenômeno do duplo se apresenta na clínica com as psicoses.

Dessa maneira, temos como pergunta inicial de trabalho investigar como o fenômeno do duplo pode se manifestar na clínica com as psicoses? Respeitando a premissa da singularidade do caso a caso, e também à multiplicidade de invenções que se renovam constantemente nos sujeitos psicóticos, a presente análise do fenômeno do duplo nesta clínica não tem como objetivo mapear todas as possibilidades e condições nas quais o duplo pode surgir. Em contrapartida, busca tomar o relato e o trabalho desses sujeitos em suas análises para apresentar como o duplo pode vir a se manifestar como fenômeno, configurando em uma importante ferramenta de trabalho subjetivo para o sujeito psicótico.

Testemunhou-se como o duplo formaliza um apoio que insere alguma particularidade subjetiva para o encontro na alteridade; viu-se, ainda, a vivência do duplo tomar formas distintas, manifestando também a vivência persecutória. A partir das construções empreendidas pelos próprios sujeitos, este trabalho traz relatos de caso que nos convocaram a investigar o fenômeno do duplo, problematizando essa questão em uma elaboração teórica. Com isto, temos nesse trabalho um recorte do percurso psicanalítico de dois participantes do Projeto Circulando, sobre os quais formulou-se a hipótese diagnóstica de um deles estar na paranoia e o outro no autismo. As diferenças nas quais esses sujeitos se posicionam dentro do campo da psicose também foram trabalhadas na pesquisa, mas sobretudo enfatizando as distinções pelo uso do duplo.

Desta maneira, iremos iniciar o trabalho desta dissertação colocando em evidência como o duplo faz parte da constituição subjetiva a partir da postulação dada pela teoria psicanalítica. Para se constituir o Eu e o corpo se faz necessária a passagem pelo acolhimento do Outro, onde se originam os primeiros duplos do sujeito. Nesse sentido, a formação do duplo nos remete ao início das construções teóricas de Freud (1895) na ação psíquica realizada pela ajuda alheia na promoção da experiência de satisfação. Além disso, Freud destaca o narcisismo, neste momento inicial de investimento em si, necessário para que haja um investimento posterior em outros objetos de amor, como o terreno que propicia o surgimento do duplo. Assim, o duplo apareceria como uma defesa do Eu, que produz um desdobramento da imagem de si para superar uma ameaça de aniquilação. Retomaremos alguns conceitos elaborados por Freud antes de 1919, e também posteriores a este, que são mencionados brevemente no artigo sobre o *Unheimlich*.

Também faz-se imprescindível perpassar pela leitura de Lacan frente a constituição do Eu. Lacan (1949/1998), investiga a constituição subjetiva através da conceituação do Estádio do Espelho, compreendendo a constituição do Eu como parte fundamental do campo do imaginário, fazendo com que se introduza o duplo através da relação especular. Assim, compreende que a dinâmica entre o Eu e o Outro fixa a criança em uma imagem que a aliena em si mesma, ao passo que também é constitutiva do sujeito ao formar o traço de uma identificação primária que carrega em si uma tensão imaginária, formadora também das vivências do duplo. Também apresentamos a contribuição de Lacan sobre o conceito de êxtimo, enquanto um lugar ao mesmo tempo íntimo e externo, e relacionamos com o domínio do *Unheimlich*.

Por último nessa primeira parte, destacamos brevemente os referenciais teóricos que nos apropriamos para compreensão da formação da estrutura psicótica. Tendo como aporte referencial Lacan (1955-1956/1985), compreende-se o conceito do Nome do Pai como o significante que insere a lei simbólica e o desejo ao sujeito ordenando o gozo, sustentando a posição de interdição. No entanto, para o sujeito psicótico este significante não se inscreve e encontra-se foracluído. Esta ausência de referência do significante promove um impasse de simbolização frente a dimensão da lei e da alteridade, como também em um desamparo frente a linguagem, apresentando em seu funcionamento os fenômenos de desarticulação da cadeia, onde as palavras não têm

mediação e aparecem em uma total materialidade, sem o intervalo entre os significantes. Como trazemos duas posições diferentes dentro do campo da psicose – paranoia e autismo –, também colocamos aqui os referenciais nos quais diferenciamos essas constituições no campo da psicose, se utilizando como recorte para tal o fenômeno do duplo.

No segundo capítulo, apontaremos o fenômeno do duplo na paranoia que operou em nível imaginário. Apresentaremos um recorte do caso clínico de Pedro, que inicialmente demonstrou um duplo com outro participante da sua oficina no Circulando como relação de apoio no modelo de uma bengala imaginária. Colocaremos como esse duplo operou como um suporte de abertura para alteridade, promovido através da construção criativa de uma narrativa de desenhos. Entretanto, quanto mais se aprofundava para uma relação de coexistência, vimos o duplo tomar um caráter excessivo, no qual pudemos observar manifestações persecutórias e um gozo excessivo.

No terceiro capítulo, apresentaremos o fenômeno do duplo no autismo que opera em nível do Real. Indicaremos um recorte do caso clínico de Nathanael, que apresentou o duplo como um instrumento privilegiado em sua clínica como uma invenção que suportou sua imagem, possibilitando uma organização corporal e uma animação pulsional. Colocaremos, também, que, além do recurso ao corpo, Nathanael demonstrou um apoio nos seus duplos para poder construir uma forma possível de enunciação, o que auxiliou na saída do sujeito de um modo de gozo solitário e serviu como um ponto de ancoragem para o trabalho de sua singularidade subjetiva.

CAP. 1 - A TEMÁTICA DO DUPLO E A ESTRUTURA PSICÓTICA NO REFERENCIAL PSICANALÍTICO

1.1 - O duplo e a constituição do Eu:

Inicialmente, para que seja possível responder o que seria o fenômeno do duplo em psicanálise, faz-se importante introduzir o processo de constituição subjetiva e de formação do Eu. Isso porque compreende-se que é na constituição do Eu e do corpo, nas primeiras experiências psíquicas, que podemos localizar a incidência do duplo.

Compreende-se em Freud (1895/2006) que o advento do humano no mundo é marcado por uma precariedade constitucional, na qual o autor conceitua como um estado de desamparo (*Hilflosigkeit*). Esse estado refere-se tanto à fragilidade do recém-nascido perante as ameaças do mundo externo, quanto à impotência de efetuar uma ação coordenada e eficaz que alivie sua tensão interna. Como Freud (1895/2006) pontua, o aparelho psíquico é regulado por um princípio de inércia que visa um estado livre do acúmulo de estímulos e excitações endógenas que causam desprazer na consciência, o que gera uma tensão ao organismo sinalizando a necessidade de descarregá-las.

Os estímulos internos, ao contrário da percepção de estímulos externos, dos quais se pode fugir ou evitar, criam uma demanda da qual não é possível se esquivar e que necessita uma descarga de tensão pela extremidade motora. No caso do estímulo interno da fome, por exemplo, a ação específica necessária para atender ao alívio do estímulo seria buscar comida no ambiente externo. Entretanto, sozinho, o recém-nascido não consegue efetuar essa ação, sendo somente possível com uma ajuda alheia, onde um outro ser, a partir de seus cuidados, possa promover a ação específica que produzirá o alívio deste estado de tensão.

Com essa descarga promovida pelo auxílio de uma pessoa exterior, o organismo não só pode suprimir sua tensão, como também tem como resultado a experiência de

satisfação. A satisfação experimentada pela ação de uma ajuda alheia promove, por consequência, um investimento, tanto na imagem ligada ao objeto quanto ao movimento que proporcionou a vivência de satisfação, produzindo um traço mnêmico, uma facilitação entre duas imagens mnêmicas e os neurônios nucleares que foram excitados pelo estado de urgência. Quando o estado de tensão reaparece, este traço é reativado pelo organismo buscando reinvestir no objeto que reproduziu a experiência de satisfação.

No entanto, através de uma facilitação entre as catexias dos neurônios que correspondem a percepção desse objeto, o aparelho psíquico, na ausência da percepção, acaba por reinvestir no objeto de forma alucinatória, já que não há o objeto real. Com isso, a excitação não diminui e não há continuidade da satisfação pelo processo alucinatório, gerando desprazer. Dessa maneira, Freud (1895/2006) acaba por introduzir a dimensão hostil do objeto, em que esse torna-se não só fonte de satisfação, mas também um objeto que se relaciona à experiência de dor pelo acúmulo de excitação não descarregada.

É preciso então que o organismo possa suportar um adiamento da satisfação até que consiga encontrar novamente na realidade um apoio que efetue no psiquismo a alteração necessária, o que introduz o princípio de realidade. A partir desse intuito, de impedir o desprazer decorrente dessa alucinação, é que podemos compreender o início da constituição do Eu.

Para Freud (1895/2006), nesse momento teórico, o Eu não está relacionado diretamente a uma concepção de sujeito mas sim de um mecanismo de defesa. Como um objeto interno do aparelho psíquico, o Eu se apresenta como uma formação particular de um sistema neuronal que se diferencia no intuito de impedir, através de uma função de inibição, que uma corrente de desprazer emerja da alucinação do objeto.

A partir da indicação da realidade, o Eu busca diferenciar a percepção do objeto que trará satisfação da lembrança/alucinação desse objeto. Para explicar como esse processo repercute no aparelho psíquico, Freud (1895/2006) nos introduz *das Ding*, a Coisa. Na experiência de satisfação, há a coincidência total entre o investimento de desejo da imagem mnêmica e a percepção dela. Contudo, essa oportunidade não é

possível de ser retornada, o que leva com que o Eu busque na realidade um objeto que sirva parcialmente ao alívio de tensão. Desse modo, antes de executar a descarga, é preciso que se apresente a possibilidade de, parcialmente coincidindo com os investimentos, um objeto que traga a semelhança de *das Ding*, combinando com algum outro componente variável, para que seja possível ao organismo entender essa combinação como capaz de realizar, também parcialmente, um alívio da tensão.

O objeto de satisfação primeiro é um resultado para sempre perdido, mas que instaura uma eterna busca do psiquismo para tentar reencontrá-lo, causa esta que será atribuída mais tarde por Lacan (1959-60) como objeto *a*, produto resultado da separação entre gozo e Outro, operada pelo simbólico que testemunha a perda de gozo e, ao mesmo tempo, configura em torno dele a promessa de sua recuperação (MALCHER, 2011). Essa operação, que atua frente ao circuito pulsional, tem importantes efeitos para a compreensão da constituição do sujeito psicótico e será retomada mais adiante.

Retornando a Freud (1895/2006), é fundamental destacar que já nesse momento de elaboração teórica conseguimos compreender, pela perspectiva do autor, a importância que um outro ser exerce no desenvolvimento das funções do indivíduo. Isso porque a contrapartida do estado de desamparo é a dependência do outro, na exigência de intervenção pelo próximo (*Nebemensch*) que perpetue a ação específica necessária à sobrevivência do ser. Ou seja, o ser humano quando nasce não consegue sozinho realizar a tarefa primordial de sua sobrevivência, nem a nível orgânico nem psíquico, configurando assim uma relação primária de dependência com o outro.

Essa ajuda que executa o trabalho da ação específica tem por consequência a estruturação da memória, do pensamento e do próprio aparelho psíquico com a formação do Eu, pois é a partir deste apoio que se insere as primeiras marcas no aparelho psíquico do infante. Esse próximo semelhante foi, além de força auxiliar para sobrevivência do sujeito, o primeiro objeto de satisfação e também o primeiro objeto hostil.

Temos então uma experiência mítica de satisfação, na qual a ação específica do humano próximo produziria as primeiras marcas dessa experiência, sendo fundamental para sobrevivência do recém-nascido. Ao acolher seu grito como um apelo, aliviando a

tensão e dando um sentido, aquele que se ocupa da criança oferece a ela a palavra, convocando-a para uma dimensão simbólica por onde ela irá se posicionar como sujeito (DI PIETRO, 2017). Desse modo, o próximo semelhante introduz o ser na linguagem e em uma dimensão de alteridade do Outro, onde o sujeito deverá responder a isto, ponto no qual retornaremos mais adiante.

Desse organização do Eu, marcado pelo semelhante e pela realidade, mas apresentada aqui como uma função neurológica, temos em Freud (1895/2006) uma necessidade de avançar teoricamente para compreender como o Eu se apresenta como uma unidade de representação psíquica do corpo, da identidade e, portanto, do sujeito.

É na análise do caso Schreber que Freud (1911) retoma brevemente suas concepções frente à formação do Eu, ao demarcar um retorno da libido ao modo narcísico, fixadas ao Eu, como uma função que estrutura as psicoses. Essa postulação gera um embaraço teórico, abordado apenas em 1914 com a conceituação do narcisismo. Apesar de ainda não introduzir a temática do duplo na constituição do Eu, vemos um avanço em sequência na elaboração teórica freudiana diante dessa temática na medida em que nesse momento o autor vincula a necessidade de um investimento libidinal para o surgimento do Eu:

(...) uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo. (FREUD, 1914, p.13)

Nesse sentido, acompanhamos que inicialmente o aparelho psíquico é estruturado em um estado de autoerotismo, em que as pulsões se apresentam de forma anárquica e se satisfazem por conta própria de forma parcial e desorganizada, sem que exista qualquer organização de conjunto pois o corpo como unidade é desconhecido pelo sujeito. Freud (1914) percebe que tal conduta não seria qualificável como uma perversão, se apresentando no desenvolvimento normal de todo indivíduo como um complemento libidinal que visa a auto conservação.

Freud (1914) também nos apresenta a necessidade, em termos de investimento libidinal, de que uma nova ação psíquica, sem nomeá-la, possa surgir efetuando a passagem do autoerotismo para o narcisismo, estado este que será possível uma unidade psíquica representativa de um corpo, em que as pulsões sexuais passam a reunir-se em uma unidade, proporcionando o surgimento do Eu.

Como colocado anteriormente, no início da vida o ser humano necessita de uma ajuda alheia para poder atender seu desamparo diante de certas necessidades vitais. Freud (1914) postula que o amor dos pais aos filhos os fazem atender ao desamparo deles; depositam, ainda, na criança todas as suas fantasias de perfeição, em um investimento libidinal externo. Essa concentração de energias vai originando na criança sensações de onipotência e perfeição, pois proporcionam um estado de satisfação em si mesmo, ou seja, onde a libido fica totalmente investida em si, o que podemos considerar que caracterizaria o narcisismo primário.

Nesse estado têm-se o primeiro investimento em uma unidade do Eu formado por um ideal, onde está implicada a presença constitutiva do Outro. Isso porque é a partir do investimento dos pais ao cuidado da criança, que um outro externo traz com seus cuidados um investimento libidinal, que torna possível a percepção do próprio corpo para a criança, concomitantemente com a inserção de um ideal que lhe é imposto de fora. O Eu que surge para a criança é um Eu Ideal que vem da confluência da sua imagem corporal pela revivescência do narcisismo parental (GARCIA-ROZA, 1995). É dessa maneira que Freud (1914) afirma que o narcisismo remanescente dos pais coloca o bebê em um lugar de “sua majestade”. Sem a interferência do Outro e de seu ideal, não seria possível para a criança o reconhecimento do Eu como unidade.

Contudo, Freud (1914) salienta que, pela operação psíquica da castração, essa perspectiva de completude pelo narcisismo primário entrará em conflito com as ideias morais e culturais, identificando que esse investimento libidinal do Eu Ideal sofre a imposição do recalque. Esse investimento originário do Eu persiste no sujeito, onde o narcisismo não se apresenta como uma fase do desenvolvimento libidinal, mas como um formação libidinal estrutural ao sujeito. Dessa maneira, uma parte da libido do Eu

pode ser repassada para investimento nos objetos, mas, essencialmente, uma parte da libido ficará retida no Eu.

Apesar disso, Freud (1914) constata que o indivíduo não é capaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada pela completude narcísica de sua infância. Ele não quer se privar dela e, por não pode mantê-la, procura readquirir através de um substituto para o narcisismo perdido da infância, projetando diante de si um ideal do Eu. Como destaca Garcia-Roza (1995) é importante salientar que o Eu Ideal não é uma fase superada e substituída pelo ideal do Eu, ele permanece transformado no indivíduo quando adulto pelo deslocamento da libido narcísica para a nova forma que é o ideal do Eu. Esse ideal do Eu, em contrapartida, é colocado como algo externo, a partir das exigências da lei que o sujeito terá que responder.

Freud (1914) ainda pontua a possibilidade de existir uma instância psíquica especial, que vigia constantemente o Eu no intuito de que ele atenda às exigências do ideal do Eu garantindo assim a satisfação narcísica. Essa instância que age como uma consciência moral e se origina através da influência e de uma corporificação da crítica dos pais, age como uma interferência de fora, mas é uma auto-observação e uma autocrítica, pois, a censura inicialmente vinda de fora já foi internalizada.

Apenas em 1923 é que Freud nos apresenta que essa parte do Eu, que se diferencia e se torna uma instância autônoma de agência crítica e de ideal, é o Super Eu, herdeiro do Complexo de Édipo. A criança, renunciando à satisfação dos seus desejos edipianos marcados de interdição, transforma o seu investimento nos pais em identificação com estes, interiorizando as exigências parentais.

Assim, o Super Eu se comporta como uma formação reativa que compreende também a proibição, conservando o caráter repressivo do Complexo de Édipo, e estabelecendo o mesmo obstáculo dentro de si. Além disso, o ideal do Eu é tomado como função do Super Eu, ao passo que as relações parentais estabelecem a posição de ideal do Eu para a criança, e é o Super Eu que se apropria e exige o cumprimento deste ideal pelo Eu. Como pontua Freud: “sua relação com o Eu não se esgota na advertência: ‘Assim (como o pai) você deve ser’; ela compreende também a proibição: ‘Assim

(como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele.” (FREUD, 1923, p. 42-3).

Partindo do referencial freudiano sobre o narcisismo, Lacan (1949/1998) aponta que o corpo é resultado de uma operação psíquica e que o Eu é resultado de uma função imaginária, proporcionada por uma apreensão de fora, que traz a primeira demarcação de si formando um ego especular. Como vimos também em Freud (1914), as pulsões sexuais estão presentes desde o início, porém uma unidade egoica precisa ser desenvolvida, compreendendo, portanto, a necessidade de uma nova ação psíquica entre o autoerotismo e o narcisismo para que o desamparo e a anarquia das pulsões possam realizar uma primeira organização.

É a partir dessa construção freudiana que marca a origem do Eu pelo narcisismo, que podemos compreender o trabalho de Lacan em postular a ação psíquica das relações imaginárias como formadora de uma unidade representativa do Eu. Em seu trabalho sobre o Estádio do Espelho (1949/1998), Lacan apresenta a concepção de como uma unidade comparável ao Eu se constitui num processo de identificação com seu semelhante, promovendo uma assunção jubilatória com sua imagem, ou seja, como a instância do Eu se forma paralelamente ao encontro com o Outro. Podemos descrever esse estágio em três momentos: primeiramente quando a criança visualiza sua própria imagem no espelho, mas não a toma como própria, e sim como sendo um outro ser real. Em seguida, ela entende que essa imagem virtual não é um Outro, mas a imagem de um semelhante, diferenciando a imagem da realidade, porém ainda não reconhecendo a imagem como sua. Para essa passagem de uma massa amorfa para assunção da imagem de um corpo, é preciso que a criança passe por um acolhimento de um Outro que lhe possibilite a identificação, se tornando um corpo pelo investimento dirigido a ele. Trata-se, então, de uma operação que passa pela palavra como um investimento libidinal, dependendo da autenticação simbólica do Outro para reconhecer essa imagem como sendo dela, assumindo uma identificação primordial que lhe confere uma unidade corpórea.

Em tal experiência, Lacan então estabelece que a identificação do sujeito com uma forma de si constituiu-se concomitantemente com a presença cativante de um outro (LACAN, 1953-54/1986). Essa presença realiza uma Gestalt, uma unidade de

comportamento visual, estruturando o Eu em uma unidade, onde a vivência do corpo fragmentado dá lugar a uma demarcação de si num nível imaginário por um processo de identificação ao Outro.

Por essa forma na qual a relação com o Outro forma o Eu, Lacan (1953-54/1986) também considera, em consonância com Freud, que essa experiência dá origem a possibilidade de demarcação do mundo externo e dos objetos. Como o sujeito necessita primeiramente ver um reflexo de sua imagem fora de seu corpo para apreender seu Eu, ele se concebe nessa fase como um outro exterior a si próprio, como um objeto do mundo externo, necessitando que um Outro ratifique com o seu olhar, ou seja, tudo o que é e o que não é do Eu, precisa passar pelo Outro (MARTINS, 2017).

Dessa maneira, é o Outro que determina também a relação libidinal do sujeito com o mundo externo. Por isso, esta experiência também possui o caráter de uma concorrência imaginária primitiva, pois na constituição da imagem pelo Outro, o sujeito se submete à imagem daquele que controla a possibilidade ou não de sua própria existência. Assim, este processo de alienação no Outro pode trazer também consigo uma tensão imaginária, visto que o investimento da libido narcísica na relação especular carrega em si a marca de uma rivalidade e uma agressividade pelo objeto de desejo do outro (Lacan, 1954-55/1985).

1.2 - O duplo e o *Unheimlich*:

Freud no artigo “O Infamiliar”² (1919/2019) inicia sua investigação teórica buscando compreender qual é o núcleo comum e, também, o que distingue, no interior do que é angustiante a palavra-conceito infamiliar. Ele explicita que dois caminhos são possíveis para realizar tal exploração: no estudo da evolução linguística da palavra *Unheimlich* ou reunir tudo aquilo que desperta nas pessoas tal sentimento, inferindo o

² Também traduzido para o português como “O estranho” (Edição Standard) ou “O inquietante” (Companhia das Letras). Optamos aqui pelo termo infamiliar (Autêntica Editora) para tradução do *Unheimlich*, conforme antecipado e justificado na Introdução, página 2, por essa tradução deixar em evidência a negação que se sobrepõe ao termo familiar, abriga tanto o sentido de algo conhecido como também seu sentido antitético.

caráter velado do infamiliar a partir do que for comum a todos os casos. Mas afirma, antes de seguir por qualquer que seja o caminho, que: “o infamiliar é uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo” (Freud, 1919/2019 p. 33), destacando, assim, de partida, que algo se acrescenta no que é familiar, tornando-o assustador.

Freud (1919/2019) prossegue realizando uma análise etimológica da palavra *Unheimlich*, pela da expressão em outros idiomas, para ilustrar que o termo e seus sinônimos em variadas línguas coincidem com seu oposto imediato *Heimlich* (familiar). Trazendo a atenção uma observação feita por Schelling, Freud salienta: “Unheimlich seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas veio à tona” (Freud, 1919/2019, p. 45). Assim, o caráter do infamiliar é relacionado com o familiar, com sua característica ambivalente, entendendo que atrás de algo aparentemente incompreensível ou estranho se esconde algo familiar e conhecido. A explicação para a origem desse efeito para Freud (1919/2010) vem, principalmente, através das contribuições teóricas do narcisismo e da vida psíquica da criança.

No exemplo do conto de Hoffmann, de que Freud se utiliza no texto, a ameaça com a cegueira pelo Homem da Areia remete tanto à castração quanto ao sentimento de ambivalência pela imago paterna de Nathaniel, que foram posteriormente reprimidos. Com isso, o efeito de infamiliar se apresenta com o despertar de um medo infantil, que esbarra naquilo que foi esquecido pelo recalque, retomando também o estado de desamparo diante à ameaça de castração. Nesse sentido, é que Freud coloca que essa forma de expressão do infamiliar aparece na ligação com algo que era familiar, que deveria permanecer oculto pelo recalque, mas apareceu pelo retorno do recalcado.

Porém, o infamiliar também pode se relacionar com um desejo infantil. Lembrando das brincadeiras infantis, Freud (1919/2019) nos dá o exemplo de uma menina de oito anos que tinha a convicção de que se ela olhasse profundamente para suas bonecas, estas poderiam adquirir vida. Nesse exemplo, Freud retoma à superestimação narcísica que dominam a vida psíquica da criança, aqui pelo animismo e pela onipotência do pensamento. O infamiliar pode, também, surgir quando essas crenças primitivas consideradas já superadas, aparecem novamente confirmadas,

retornando o que se considerava já ter sido superado modo de trabalhar do aparelho psíquico.

Com isso, Freud (1919/2019) coloca o caráter do infamiliar relacionado com algo de familiar que se tornou oculto, e que pode surgir por duas possibilidades que não são excludentes, as quais: retorna algo do material recalçado do complexo de castração; e, pelo retorno das crenças e fantasias consideradas superadas, como em um cancelamento da realidade.

Utilizando do método, já anteriormente mencionado, de buscar deduzir o caráter oculto do infamiliar pelos efeitos em comum a todos os casos, Freud (1919/2019, p.67) coloca a necessidade de investigar um elemento que mais provoca o efeito do infamiliar: “trata-se do âmbito do duplo”. Freud (1919/2019) traz uma definição do duplo como:

[...] aparecimento de pessoas que, por causa da mesma aparência, devem ser consideradas idênticas; o incremento dessas relações por meio da transmissão dos processos psíquicos de uma dessas pessoas para a outra - o que deveríamos chamar de telepatia -, de tal modo que uma se apropria do conhecimento, do sentimento e das vivências da outra; a identificação com uma outra pessoa, de modo que esta perde o domínio de seu Eu ou transporta o Eu alheio para o lugar do seu próprio, ou seja, duplicação do Eu, divisão do Eu e confusão do Eu - e, enfim, o eterno retorno do mesmo, a repetição dos mesmos traços fisionômicos, o mesmo caráter, o mesmo destino, os mesmos atos criminosos, o nome por meio de muitas e sucessivas gerações (FREUD, 1919/2019, p. 69).

Podemos considerar que nessa passagem, Freud (1919/2019) aponta as diferentes gradações que o duplo pode vir a ter. A primeira seria o duplo na forma de pessoa idêntica, o que nos remete a uma forma de identificação entre duas pessoas que partilham de uma mesma imagem e, também, ao próprio processo de constituição do Eu, onde a partir da imagem é que o sujeito pode realizar um trabalho de construção corporal; e dos limites que separam o Eu do que não faz parte dele, processo esse que se apresenta na elaboração do Estádio do Espelho (1949/1998).

Na segunda passagem, pode-se compreender no que Freud (1919/2019) nomeou por telepatia, um processo que remete à onipotência de pensamentos do narcisismo

primário e, também, relacionado com a importância da ajuda alheia, de um outro que atenda o apelo do sujeito, reconhecendo-o como uma demanda.

Em terceiro, Freud (191/2019) aponta para uma identificação com uma outra pessoa, que na verdade revela a ambiguidade do Eu, própria da constituição do conflito psíquico, que possibilita que o sujeito se identifique com uma imagem, mas também gera dúvidas sobre quem é o seu Eu e quem é o Outro.

Por último, uma quarta gradação que aponta ao retorno do mesmo, remetendo a compulsão à repetição. Esse retorno não intencional da mesma coisa aponta que o caráter de infamiliar não só se apresenta no duplo por realizar um certo recuo a fases de formação do Eu, onde os limites em relação ao mundo externo ainda não estavam bem formados, mas também por trazer um retorno da vida psíquica infantil onde a repetição se apresenta com um caráter demoníaco, que se sobrepõe ao princípio do prazer.

Mencionando o trabalho de Otto Rank (1914/2013), Freud (1919/2019) defende como a maior contribuição do texto a concepção de que o duplo foi originalmente uma forma de garantia contra o desaparecimento do Eu. Sendo proporcionado no campo do amor-próprio ilimitado, do narcisismo primário, o duplo seria uma garantia de segurança, onde a alma imortal teria poder frente à morte, ao configurar um primeiro duplo do corpo.

Em seu trabalho “*O duplo – Um estudo psicanalítico*” Rank (1914/2013), através de exemplos de narrativas literárias, explora as diversas ligações do duplo com a imagem, a sombra, o espírito, a crença na alma, concebendo nessas diversas formas de duplo um ponto em comum: uma espécie de projeção da imagem do próprio Eu. Através de uma compreensão do conceito de narcisismo, o autor apresenta que uma duplicação da própria imagem realiza uma separação dos aspectos indesejáveis para fora do Eu, como se para manter a ilusão de onipotência e também como uma forma de preservar o Eu da mortalidade.

Esse mecanismo funcionaria a partir de um conflito mental interno que atravessa os limites de si para uma exteriorização, como um mecanismo defensivo. Entendendo que existe uma tendência de eliminar da consciência qualquer ameaça ao narcisismo, o duplo agiria como uma forma, um outro exterior a si mesmo, que assumiria todos

aqueles traços que o Eu considera indesejáveis, que recusa aceitar como seus. Nesse sentido, o duplo não só age dividindo e duplicando o Eu, como também, inicialmente, realiza uma garantia contra o seu desaparecimento, no objetivo de defender-se da ideia de morte.

Assim, o desdobramento da imagem de si com a aparição de um outro, para Otto Rank (1914/2013), vem do desejo de vencer o medo e a angústia da morte que constantemente ameaça a personalidade. Inicialmente, o duplo seria um igual que garantiria uma existência na crença do homem primitivo, que nega a morte e se protege para além da decomposição. Acontece que, de protetor que traria a sobrevivência pessoal eterna, o homem primitivo acaba sendo forçado a admitir a finalidade biológica de sua espécie, e o duplo começa a se apresentar como terrível e assustador. Com isso o duplo inverte seu aspecto, perde a sua exclusiva significação positiva e se transforma, apresentando seu caráter ambivalente: ora protetor, ora perseguidor.

A partir do trabalho de Rank (1914/2013), Freud (1919/2019) destaca que também no duplo, no estágio do narcisismo primário vem com a função de proteção. Superado essa fase pode ter suas características invertidas, se apresentando como uma ameaça ao sujeito quando provoca o estranhamento entre os limites do que é interno ou externo, no que é relativo à prova de realidade. No entanto, Freud acredita que essa exploração do duplo realizada por Rank ainda não dá conta de explicar e entender o esforço que o Eu realiza ao projetar para fora um conteúdo, tomando-o como estranho.

Freud (1919/2019) ressalta que o duplo não desaparece no narcisismo inicial, mas assume um novo caráter em outros estágios. O autor nos relembra a existência de uma instância psíquica especial, que vigia constantemente o Eu, no intuito de que ele atenda as exigências da censura psíquica. Apenas em 1923, Freud vai ampliar sua explicação dessa instância crítica, trazendo a concepção de que essa parte do Eu que se diferencia e se torna uma instância autônoma de agência crítica e de ideal, é o Super Eu. Com a formação dessa instância herdeira do Complexo do Édipo, o Eu pode ser tratado em parte como um objeto, passível de observação e crítica do Super Eu, e o duplo pode reaparecer no esforço defensivo de projetar para fora justamente o que o Super Eu considera como superado, promovendo uma regressão para um momento antigo em que o Eu não estava claramente delimitado do mundo externo. Assim, o duplo incorporaria

não só aquilo que é rejeitado pela crítica do Eu, mas também todo o conteúdo de fantasias e tendências do Eu que não se realizaram, provocando nessa regressão o caráter de infamiliar.

Podemos compreender também com Lacan (1962/63) esse aspecto de íntima familiaridade com a estranheza que se apresenta no *Unheimlich*. Desde a constituição do sujeito, na passagem pelo narcisismo e na ação psíquica possibilitada pelo Estádio do Espelho, compreendemos que a assunção da imagem própria somente é possível ao tomar o Eu como um outro, formalizando tanto uma unidade mas também uma exterioridade com esta imagem.

Aqui, destacamos o termo “êxtimo” criado por Lacan como um neologismo que se apresenta “conjugando o íntimo com a exterioridade radical” (Lacan, 1968-69, p. 241), ou seja, que indica que aquilo que é mais próximo e mais íntimo do sujeito, também está fora, no exterior como um corpo estranho (Miller, 2010).

Miller (2010) destaca que essa expressão surge no ensino de Lacan associado ao conceito de *das Ding*, no intuito de evocar a fratura constitutiva do ser. Diante disso, nos remetemos novamente à experiência do desamparo descrita por Freud (1895) onde se inscreve a experiência com o próximo. Nessa ação específica de ajuda alheia, Freud destaca que esse encontro com o próximo promove alguma satisfação aos estímulos, ficando representado na memória. Contudo, tal encontro não dá conta de amenizar toda a avalanche de estímulos que submerge o humano.

Para Lacan (1962/63), nesse encontro com o próximo o sujeito é tomado pelos significantes do Outro, ingressando no mundo simbólico mediante o encontro com a linguagem. Mas afirma também a existência de uma operação de extração desse Outro, deixando que algo falte e mantenha-se isolado do sujeito. Fica um componente não assimilável, como uma parte que resta no real, que será *das Ding*.

Assim, nessa intersecção entre um e outro, situa-se um objeto, que Lacan denominou de objeto *a*. O objeto *a* aparece como algo da alteridade inapreensível, oculto ao sujeito, mas que, ao mesmo tempo, carrega um lugar vazio de uma diferença, em um intervalo que atua cortando os significantes encontrados no discurso do Outro. Ao situar esse lugar para o objeto *a*, Lacan se utiliza do termo êxtimo para dizer que o

que é mais próprio ao sujeito não se encontra dentro dele, mas em uma alteridade radicalmente destacável, que surge na experiência dentro das relações que o sujeito mantém com outros. Como situa Lacan

Pois esse *das Ding* está justamente no centro, no sentido de estar excluído. Quer dizer que, na realidade, ele deve ser estabelecido como exterior, esse *das Ding*, esse Outro pré-histórico impossível de esquecer, do qual Freud afirma a necessidade da posição primeira sob a forma de alguma coisa que é *entfremdet*, alheia a mim, embora esteja no âmago desse eu, alguma coisa que, no nível do inconsciente, só uma representação representa” (Lacan, 1959-60, p. 92).

Retomaremos mais adiante à formulação do objeto *a* para Lacan, destacando sua relevância para a compreensão da formação da estrutura psicótica. No entanto, salientamos aqui como a formação da imagem e do corpo próprio, por sua condição de relação com o Outro, carrega algo também de êxtimo, que é simultaneamente o íntimo e o estrangeiro, tal como podemos conceber o *Unheimlich*.

Lacan (1962-1963) também realiza uma referência ao surgimento do duplo e sua relação com a condição êxtimo da constituição subjetiva. Manifestando o *Unheimlich*, o duplo vem surgindo como um lugar privilegiado de eleição da angústia, onde a constituição da imagem especular mostra seu limite, revelando a não autonomia do sujeito. Lá, onde o sujeito se reconhecia, ele se descobre desalojado revelando sua incompletude e a angústia que se manifesta ao sujeito em sua posição de objeto.

Como colocado por Iannini e Tavares (2019, p.24) é nessa ambiguidade, entre o dentro e o fora, que o duplo consegue advir. Formando uma estrutura como a da fita de Moebius, o duplo destaca a posição de uma relação onde aparentes contradições podem coexistir, em uma continuidade e uma descontinuidade, denunciando que é possível ao Eu ser dividido entre algo próprio e também alheio.

1.3 Sobre a estrutura psicótica

Anteriormente, compreendemos que o surgimento do Eu não é dado no instante do nascimento do sujeito, e sim, tem uma construção que se realiza a partir do encontro

com o Outro, introduzindo o sujeito em uma primeira alteridade e oferecendo um acolhimento que gera uma primeira identificação.

Vimos com Freud (1895/2006) o desamparo inicial do recém-nascido e a necessidade de auxílio de uma ajuda alheia, externa ao sujeito, que garanta a sobrevivência, introduzindo também a experiência primária de satisfação. Com Lacan (1954-55/1985), podemos entender que essa figura da pessoa próxima proporciona também uma importante função ao sujeito por fornecer um primeiro encontro com a linguagem que o cerca.

Assim, o papel da identificação na constituição do Eu tem como resultante a formação da primeira unidade egoica, que se institui por uma alienação proveniente do campo da linguagem, pelo Outro, visto que, para que se reconheça, é preciso que receba uma ratificação dada por esse próximo.

Esse processo de alienação pode ser compreendido na medida em que retomamos à experiência de satisfação ao considerar, a partir da figura do próximo, como aquele que cuida da criança, acolhendo seu grito e nomeando essa manifestação. Por exemplo, em um grito do bebê, esse próximo o nomeia enquanto fome, fornece então o que está ao seu alcance para amparar, alimentando-o com o seio. É nessa ação da mãe como o próximo, que Lacan (1962-1963) ressalta que a mãe se torna um objeto fundamental para a criança: ela satisfaz o apelo desta não somente por oferecer o objeto de alimento, mas por acolher essa necessidade com sua presença, com seus gestos, seu olhar e sua voz. Tal medida faz com que, para Lacan (1962-1963), a mãe, e não o alimento, acaba por se tornar um objeto fundamental para a criança ao oferecer uma satisfação pulsional estruturada já por sua ordem simbólica, como ser falante já inscrito na linguagem (MALCHER, 2011).

Dessa maneira, podemos considerar com Lacan que esse momento lógico e mítico proporciona a satisfação pulsional concomitantemente à incidência do significante. Contudo, também Lacan ressalta que é só a partir da percepção das diferenças que algo pode ser apreendido simbolicamente. O que seria então essa percepção da diferença?

Para compreender essa questão realizamos um retorno à Freud. Em seu texto “A Negativa” (1925), ele nos apresenta diferentes momentos lógicos na constituição do Eu, de um Eu-prazer anterior ao Eu-real definitivo. Esse primeiro Eu do início do desenvolvimento é regido pelo princípio de prazer buscando por essa percepção realizar à construção de uma diferença pautado por um juízo de atribuição ao “introjetar tudo o que é bom e expelir de si tudo que é mau” (Freud, 1925/1976, p.297). Posteriormente, se apresenta o juízo de existência, que se desenvolve a partir do Eu-prazer inicial para um Eu-real definitivo, mas delimitando o que é estranho e externo ao Eu.

A partir disso, retomaremos agora *das Ding* e a concepção de objeto *a* para Lacan. Como colocado anteriormente, compreendemos que a ajuda alheia fornecida pelo próximo promove um encontro com a linguagem, fazendo com que o sujeito seja tomado pelos significantes do Outro ao ingressar no mundo simbólico (MALCHER, 2011). Contudo, resta um elemento que não é assimilável, como uma parte que resiste no real pois não configura uma representação própria nos processos de pensamento do psiquismo. Apresentamos que esse elemento será *das Ding*, uma representação que também obedece ao princípio do prazer, mas que o sujeito não consegue apreender, permanecendo perdida a sua equivalência, e restando ao psiquismo somente a tentativa de regulação por outras representações de atributos que a ela se articulam.

Se colocamos a figura de *das Ding* vinculada a experiência de satisfação, entendemos que ela está ligada também pela mãe, o próximo, que cuida da criança. Partindo da concepção de Freud sobre o Eu-prazer e o Eu-real, tem-se a compreensão que, no encontro com seu semelhante, a criança consegue perceber e receber certos estímulos fazendo uma primeira inscrição, ao passo que também ela rejeita o que não reconhece como seu ou que ameaça o princípio do prazer. Contudo, destacamos também que a mãe, como próximo, é um ser inserido na linguagem e que com seus cuidados também promove à incidência do significante. Diante do encontro com a linguagem, frente a relação com o Outro pela figura do próximo, a criança não consegue mais considerar o mundo externo indiferente e é convocada a se diferenciar da alteridade. Nesse momento lógico, esse ato de acolhimento do grito age simultaneamente colocando uma primeira apreensão simbólica do Outro enquanto lugar do significante,

mas algo dessa relação com a pessoa próxima lhe escapa à simbolização (MALCHER, 2011).

Dessa maneira, existe algo nesse encontro que fica de fora da representação por um significante, enquanto externo ao sujeito, sendo esse *das Ding*. Lacan coloca *das Ding* como um vacúolo, uma centralidade vazia na condição de êxtimo ao sujeito, ou seja, exterior e também íntimo. Esse lugar de *das Ding*, Malcher (2011) destaca que se apresenta como um campo pleno de gozo mas que deve ser concebido como um campo do sujeito de forma mítica. Isso porque *das Ding* estaria em um momento de plenitude de gozo, mas que só se apresenta como pleno a partir do momento em que é perdido, fora do campo de simbolização.

Com isso, Malcher (2011) também evidencia a relação que *das Ding* tem com o campo do gozo, da dimensão pulsional, mas que não pode ser compreendida como um objeto. Para o autor, *das Ding* compõe o que não é possível de simbolização, mas que desse gozo mítico, impossível, resta somente uma testemunha, não da plenitude mas dessa perda, um objeto no qual a pulsão realiza seu trajeto, o objeto *a*.

Como explicado previamente, diante do encontro com a linguagem a criança é convocada a se diferenciar do mundo externo. Mas anteriormente a isso, a constituição subjetiva se realiza sem a compreensão de que é o próximo que atende as demandas pulsionais. Retomando ao exemplo da mãe que oferece o seio para alimentar o bebê, temos com Lacan que o objeto seio se apresenta primeiramente como um órgão amboceptor, órgão que não pertence, inteiramente, nem à criança nem à mãe. Assim, nessa intersecção entre um e outro, situa-se o objeto *a*.

Lacan (1953-54) afirma que toda experiência humana passa pelo campo da palavra. Ao propor o esquema L, ele indica como a dimensão da linguagem se apresenta pelo fato de que o sujeito não é total, ele se funda a partir do Outro. Nesse esquema, Lacan retoma o que já tinha introduzido com a experiência do Estádio do Espelho para afirmar que não há relação com o Outro sem passar pelo eixo imaginário. O sujeito se volta para o Outro para que nesse lugar ele possa encontrar a matriz de um ideal, de um traço que lhe permita assumir a imagem totalizante que vê no espelho. Mas é preciso que esse Outro primordial lhe ofereça uma fala, na primazia de um significante, que

indique sua imagem resultando em uma instância imaginária do Eu. Em outras palavras, é preciso uma operação que faça com que o nível imaginário se remeta ao campo simbólico.

Dessa maneira, o Eu se precipita ao sujeito, que encontra também o Outro a partir da nomeação favorecida pela palavra. Isso porque concebemos que essa captura imaginária é recortada pela marca de uma simbolização primordial, de uma identificação que se forma numa lógica de exclusão: ou é o Eu ou é o Outro. Nessa delimitação de uma separação primitiva, a incidência do significante se impõe ao corpo, e objeto *a* se apresenta como extraído.

Logo, a entrada na linguagem se dá a partir da incidência do significante que separa *das Ding* e Outro, colocando este último como lugar da cadeia significante, o que necessariamente envolve a perda do gozo pleno (MALCHER, 2011). Lacan abordou essa instauração do Outro enquanto uma alteridade varrida de gozo de forma diferente em seu ensino. Para o presente trabalho, iremos abordá-la à partir do significante do Nome do Pai.

Em uma carta a Jenny Aubry, Lacan (1969) retoma a sua leitura do Complexo de Édipo, colocando em evidência a importância que a família tem na constituição subjetiva do recém-nascido pela transmissão de alguma coisa irredutível, que não se resume as satisfações das necessidades do estado de desamparo. E, para que essa transmissão aconteça, é preciso que haja a relação com um desejo que porte a marca de uma particularidade para criança. Na função desse interesse particularizado, Lacan coloca os cuidados da mãe, este outro como um próximo que ocupa neste momento um lugar de completude, ela alimenta a criança e com isso partilha seu ser com esta.

Importante notar que esse movimento da mãe garante a sobrevivência do filho mas se localiza em um campo de gozo pleno, relativo a experiência primária de satisfação que instaura a eterna tentativa de reencontro do objeto fundamentalmente perdido (MALCHER, 2011).

Mas é necessário que a operação de extração do objeto possa se fundar dentro do campo do Outro, assim, a necessidade de uma renúncia pulsional, para que seja possível assim uma organização do sujeito possibilitando sua diferenciação do Outro. Essa

composição pressupõe uma falta, uma interdição ao desejo incestuoso que promova a separação do ser como um objeto da mãe.

Nesse lugar entre a mãe e a criança, a função paterna entra como um outro intermediário, marcando a impossibilidade do sujeito em ocupar todo o desejo materno. O pai é aquele que priva, que coloca o caráter essencial da castração como renúncia ao gozo e enfrentamento da falta. Para Lacan (1955-1956/2010), através da inscrição do significante do Nome do Pai, marca-se uma barra na relação mãe-criança, deslocando de lugar o falo para a instância da lei paterna. A partir dessa inscrição, uma mediação é possível ao inserir a interdição do incesto pela configuração do Complexo de Édipo, o que psiquicamente acarreta na formação de um aparato simbólico que possa afirmar a totalização do Eu contra a possível fragmentação do corpo. Assim, a criança consegue sair da posição de objeto de gozo, constituindo uma falta não só da mãe, mas também uma barra no Outro, pois agora esse desejo também passa pela lei simbólica, abrindo a possibilidade de que o sujeito possa se posicionar de maneira dialética e simbólica no desejo do Outro. Essa proibição do incesto está na base da Lei Simbólica, necessária para Lacan para estabelecer em uma determinada distância a íntima relação que se estabelece entre *das Ding*, a mãe, e o sujeito:

“O que encontramos na lei do incesto situa-se como tal no nível da relação inconsciente com *das Ding*, a Coisa. O desejo pela mãe não poderia ser satisfeito pois ele é o fim, o término, a abolição do mundo inteiro da demanda, que é o que estrutura mais profundamente o inconsciente do homem. É na própria medida em que a função do princípio do prazer é fazer com que o homem busque sempre aquilo que ele deve reencontrar, mas que não poderá atingir, que nesse ponto reside o essencial, esse móvel, essa relação que se chama a lei da interdição do incesto.” (Lacan, 1959-60, p. 87-8)

Em sua discussão do texto da negativa, Lacan (1955/1998) retoma a concepção freudiana de um movimento do Eu em que realiza um juízo de atribuição colocando certos atributos como afirmados, aceitos e introduzidos no sujeito, enquanto outros são expulsos, considerados estranhos e ficando de fora. Nessa simbolização primordial, Lacan destaca como resultado de tal operação que alguns atributos são incorporados, tornando esses os significantes primordiais do sujeito. Já àquilo que foi expulso, nesta

mesma operação, permanece fora das possibilidades de simbolização, o que ele localiza como constituindo do real.

Nesse momento lógico da simbolização primitiva, Lacan (1955/1956) apresenta a possibilidade de que uma parte da simbolização não se realize, ocorrendo a rejeição de um significante primordial: “na relação do sujeito com o símbolo, há a possibilidade de uma *Verwerfung* primitiva, ou seja, que alguma coisa não seja simbolizada, que vai se manifestar no real” (Lacan, 1955/1956 p. 98).

Freud (1924) já apresentava a *Verwerfung* como o mecanismo específico da psicose definido como rejeição. Na contrapartida da neurose, que restringe apenas uma parcela da realidade, onde através do recalque o Eu suprime a pulsão oriunda do Isso, na psicose ocorre a rejeição radical da realidade, mas que tenta continuamente se impor novamente ao psiquismo. Essa perspectiva se apresenta em consonância com que Freud (1911) afirma na análise da psicose de Schreber que aquilo que sofreu o golpe da *Verwerfung* retorna desde fora.

Articulando essa operação constitutiva da psicose com o significante, Lacan (1955/1956) coloca a *Verwerfung* não somente como à rejeição de inscrição desse significante primordial que chama de Nome do Pai, mas também de uma operação que não se inscreveu em tempo hábil, que foi foracluída, tornando a função paterna inoperante simbolicamente. Caso a intervenção feita pela metáfora paterna tivesse ocorrido, a estrutura edipiana seria recalcada e a linguagem ordena-se e se desenrola como discurso do Outro, como uma cadeia significante que estrutura o inconsciente. Pela foracclusão desse importante ordenador fálico, o psicótico não conta com esse importante instrumento simbólico para o manejo dos significantes.

Se compreendemos que é somente a partir de uma interdição sustentada pelo significante Nome do Pai que se torna possível a entrada simbólica do sujeito na linguagem, compreendemos que o sujeito psicótico não consegue articular uma nomeação no lugar do Outro. O significante Nome do-Pai garantiria a renúncia necessária ao gozo pleno e incestuoso, mantendo-se sempre determinada distância em relação a *das Ding* como interdição, ponto faltoso que é condição do desejo e da lei. Como comentam Santos e Oliveira (2012) a ausência dessa significação essencial

compromete a reestruturação do registro imaginário pela primazia do simbólico, fazendo com que as relações imaginárias, marcadas pela agressividade e a rivalidade com o outro semelhante, não sejam articuladas aos ideais e referidas à lei do grande Outro.

Retomando Freud em seu artigo “O inconsciente” (1915/1996), onde ele perpassa sobre as vinculações entre as representações inconscientes e os fenômenos da psicose, compreendemos partindo da distinção entre as “representações de coisas” e as “representações de palavras” (sendo as primeiras de material inconsciente e as segundas, quando ligadas às representações coisas, o pensamento de acesso na consciência), que tanto a neurose quanto a psicose possuem um mecanismo de fuga do acesso a certas representações. Porém, ao contrário da neurose, que se utiliza da supressão dessas representações pelo mecanismo do recalque, na psicose vemos que o sujeito toma as coisas concretas de forma abstrata, realizando um desligamento regressivo das representações de palavras.

Como a palavra não funciona como representante da representação, articulamos com Lacan (1955-56/2010) que as próprias coisas tornam-se encarnadas em toda sua materialidade no real e, tanto o significante quanto o significado, aparecem não dialetizados. Assim, a partir dessa problemática na retranscrição, os psicóticos evidenciam a organização inconsciente expressamente em suas falas, onde as palavras, segundo Lacan, “pesam como chumbo na malha”, sendo tomadas no lugar das coisas, não instaurando um deslizamento na cadeia discursiva desses sujeitos. Pelo golpe da forclusão, temos à ausência da *Bejahung* (Afirmação) como uma simbolização primordial da dimensão da perda. Por consequência, essa inscrição que foi abolida internamente retorna no real configurando o delírio, onde a organização inconsciente é expressamente colocada em suas falas, fazendo coincidir o real com o inconsciente pela ausência de um mediador simbólico. O delírio, então, se caracteriza pela proliferação de elementos imaginários que demonstram uma tentativa de mediação alternativa à significação originalmente ausente.

Compreende-se, então, que o processo de identificação na estrutura psicótica é feita sem o suporte de mediação da significação fálica, ou seja, sem o significante do Nome do Pai, que fica foracluído. Esta ausência de referência pelo significante promove

um impasse de simbolização frente a dimensão da lei e da alteridade, como também em um desamparo frente a linguagem, apresentando em seu funcionamento fenômenos de desorganização pulsional. Contudo, vemos na clínica com as psicoses essas tentativas de extração desse gozo excessivo e saídas possíveis com sua subjetividade para realizar algum enlace social, através de um trabalho do próprio sujeito para compensar sua falta estrutural de um operador fálico. Mais especificamente para essa dissertação, buscamos compreender essas possibilidades como um modo de funcionamento que explicaria o surgimento do fenômeno do duplo nas psicoses. Reconhecemos que o duplo para o sujeito psicótico pode ser uma importante ferramenta para o trabalho que esses sujeitos se empenham na tentativa de organizar suas relações na dimensão de gozo e frente ao Outro³.

1.3.1 Paranoia e autismo: Distinções pela perspectiva do duplo imaginário e duplo real

Como colocamos no tópico anterior, a estrutura psicótica se apresenta como aquela na qual o significante do Nome do Pai encontra-se foracluído, não incidindo como ordenador da cadeia significante. No entanto, no campo clínico a qual a pesquisa se remeteu, vemos especificidades na forma como o fenômeno do duplo se apresenta, e também diferenças na construção da alteridade e na relação com a linguagem que tornam necessário uma distinção das psicoses, aqui, entre a paranoia e o autismo.

Na análise dos escritos de Schreber, Freud (1911) indica como processo estruturante da paranoia uma defesa contra a fantasia homossexual inconsciente, onde o caráter afetivo é projetado para fora e transformado em oposto. Antes do desencadeamento, Schreber descreve um pensamento seu, formulado num estado entre sono e vigília, de como deveria ser bom estar na posição feminina durante o coito. Freud (1911) compreende que esse pensamento se apresenta para Schreber como uma ideia incompatível e intrusiva, tornando inaceitável sua representação. Como forma de defesa perante esse afeto traumático, Freud (1911) localiza que a psicose rejeita a

³ Compreendemos que essa dimensão da relação do sujeito psicótico com o Outro gera debates entre o uso do “outro” ou “Outro”. Ainda assim, julgamos cabível manter o termo “Outro” ao longo do texto com o apoio para essa escolha na referência apresentada por Pimenta (2012, p.130) de que, a respeito da criança psicótica, o outro imaginário pode se transformar no Outro do significante e vice-versa.

representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se estas jamais tivessem lhe ocorrido.

Dessa maneira, Freud (1911) coloca que Schreber projeta para fora sua fantasia homossexual, modificando essa ideia para um delírio persecutório. Contudo, nesse primeiro momento do delírio, Freud (1911) percebe que essa construção subjetiva ainda não oferece um apaziguamento para o sujeito, ao contrário, é vivenciada por Schreber também como invasiva, chegando a sentir um apodrecimento do seu corpo como forma de adoecimento. Assim, Freud (1911) destaca que uma alteração desse quadro clínico como tentativa de cura, foi possível ao Schreber somente em um segundo momento de seu delírio, onde ele consegue elaborar uma nova posição diante do mundo externo. Essa mudança lhe é possível a partir da substituição da realidade desagradável por outra que lhe possa ser aceitável, o que se apresenta em Schreber pela megalomania de ser a Mulher de Deus, que lhe oferece uma causalidade satisfatória pela perspectiva de ser aquele que promoverá a redenção dos homens.

Em sua introdução sobre o conceito de narcisismo, Freud (1914) retoma a análise do caso de Schreber como uma tentativa de responder à elaboração de Jung, que compreende que a análise do caso de Schreber amplia a teoria da libido de Freud para além de seu conteúdo sexual pelo fato de que nas psicoses a libido é investida no Eu. Freud repudia a asserção de Jung, afirmando que um investimento no Eu é constituinte necessária para a formação do Eu, e ocorre naturalmente durante a passagem pelo narcisismo.

Tomando novamente o fenômeno da megalomania nas psicoses, Freud (1914) coloca que a psicose retira sua libido das coisas e das pessoas do mundo exterior sem operarem uma substituição desses objetos na fantasia. Diferente da neurose, em que a libido liberada do Eu é transferida para os objetos, a megalomania psicótica representa um desligamento da libido objetual realizando um retorno do investimento libidinal originário ao Eu. Dessa maneira, afirma que a distinção entre as psicoses e as chamadas neuroses de transferência está localizada nas diferentes formas de investimento da libido do Eu e da libido do objeto.

Ainda nesse texto, Freud (1914) destaca que na paranoia essa regressão do desenvolvimento libidinal fixada no Eu provoca danos irreversíveis, não conseguindo

tolerar a ferida narcísica decorrente das renúncias e frustrações impostas da instância crítica, presente em todo indivíduo, que age observando o Eu, medindo-o pelo ideal. Na paranoia, esse ideal do Eu aparece regressivamente como outro hostil, que o vigia e persegue, e os delírios de perseguição demonstram uma forma patológica dessa instância crítica.

Estas considerações que destacam as diferenças entre neurose e psicose também podem ser retomadas em Freud (1911) pela descrição que ele oferece sobre como a libido retorna em cada uma. Ele descreve o recalque enquanto um mecanismo dinâmico da neurose que age diante do conflito entre as representações no objetivo de manter distante da consciência tudo o que foi compreendido como desprazer. No retorno desse conteúdo que foi reprimido, Freud destaca um fracasso do recalque em seu objetivo, pois a libido se volta novamente ao ponto no qual havia sido deslocada. Nesse campo, Freud também coloca que essa regressão do desenvolvimento libidinal ao mesmo ponto de fixação é efetuado na paranoia pelo método da projeção. Entretanto, acrescenta uma nova e importante consideração, colocando que nas suas observações anteriores sobre a paranoia “foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora” (FREUD, 1911 p.88).

Nesse ponto, podemos incidir sob a leitura de Freud a concepção lacaniana para o campo de estudo da psicose. Nas teorizações freudianas, vimos que o processo psicótico recai como um contraponto ao recalque, sendo a projeção uma defesa à realidade tal como castração. Lacan (1955/56) traçará críticas a essa concepção, acreditando ser preciso ir além de invocar o mecanismo de defesa utilizado nas neuroses para compreender o que se passa nas psicoses.

Com esse objetivo, Lacan realiza um retorno à Freud, e destacando esse “retorno de fora” mencionado sobre a paranoia, irá afirmar que na psicose a defesa se dá frente ao mundo externo, mas na medida em que é na realidade exterior que aparece o que não está remetido a uma inscrição do significante. Ou seja, na medida em que a simbolização primordial do Nome do Pai não pode ocorrer, o mundo externo e o campo do Outro não foram organizados pela incidência do significante. Dessa maneira, o que foi abolido internamente é que retorna desde fora, enquanto domínio que subsiste como

fora da simbolização, e a própria realidade, fica assim provida de um buraco (LACAN, 1955-56).

O sistema delirante na paranoia, então, passa a ser compreendido por Lacan (1955-56) como uma resposta do sujeito diante dos impasses que fazem coincidir o real com o inconsciente. Como forma de ilustrar esse ponto, pode-se destacar o exemplo de Lacan (1955-56) sobre a alucinação verbal narrada por uma de suas pacientes. Em seu delírio, ela se sentia perseguida pelo amante de sua vizinha, e afirmava ter escutado dele como injúria à palavra: “*porca*”. Em seguida, Lacan nos diz que, no diálogo com sua paciente, ela lhe admite ter dito antes da injúria a seguinte frase: “*eu venho do salsicheiro*”.

A partir desse exemplo, podemos afirmar com Lacan (1955-56) que, diferente da neurose, o delírio na paranoia não se conjura sobre uma mensagem recebida sob forma invertida do campo do Outro. Na medida em que o operador simbólico que organizaria os significantes não pode ser assumido pelo sujeito psicótico, estando foracluído, um pedaço da cadeia significante é rompido em sua continuidade no sujeito, que, como tentativa de organização, passa para o real o que não pode ser assumido, atribuindo isso ao Outro. Dessa maneira, no exemplo acima, a fala “*estou vindo do salsicheiro*” pode ser reconhecida posteriormente pelo sujeito, sendo atribuída como um pensamento seu. Mas a palavra “*porca*” não pode ser localizada na mesma cadeia significante do sujeito, que passa então a destacar esse significante para ser atribuído ao Outro.

Observando o que ocorre nos delírios de perseguição da paranoia, pode-se conceber que existe uma crescente valorização da relação especular, no nível do semelhante a-a', pelo fato de que esses sujeitos demonstram tomar o registro imaginário por real (LACAN, 1954-55/1987). Dessa maneira, a delimitação do que é do Eu e o que é do Outro demonstra certa fragilidade e também a possibilidade de fragmentação. Contudo, Lacan (1955-56/1988) coloca que dentro do delírio da paranoia há uma tentativa de estabilização das relações do sujeito com a realidade, percebendo nesses movimentos uma rede de natureza simbólica que se conserva com apoio do imaginário.

Como a realidade não é assegurada pela significação fálica, Lacan (1955-56/1988) coloca que a paranoia se utiliza de uma certeza delirante como um

funcionamento com a linguagem que explicita a verdade ao invés de ocultá-la. Dessa maneira, o sujeito consegue construir um sistema em seu delírio que favorece uma outra posição, podendo instaurar uma ordem para a realidade. Diante disso, podemos retomar também o exemplo do delírio de Schreber, que na certeza delirante de que foi escolhido para ser o redentor dos homens como a Mulher de Deus, consegue ordenar a realidade assumindo uma posição feminina, ao mesmo tempo, também desloca para Deus aquilo que não consegue suportar como seu. Posto isso, podemos compreender a afirmativa de Lacan de que “na paranoia, ao se nomear um perseguidor, é possível limitar o Outro, conseqüentemente tornando possível ao sujeito se nomear e se fazer reconhecer diante desse Outro.” (LACAN, 1955-56, p. 63).

Mediante essas considerações sobre a estrutura da paranoia, compreendemos que o duplo se apresenta como tentativa de estabilidade do sujeito pela via especular do registro imaginário. Se a realidade não pode ser organizada por um significante fálico do simbólico, o sujeito pode buscar facilitar sua localização na alteridade pelo nível do semelhante. Nesse campo onde o que é o Eu e o Outro não se encontra simbolicamente delimitado, temos que, ao realizar um retorno a esse momento do processo de constituição subjetiva, o duplo na paranoia tenta situar uma posição para o Outro, como forma de se fazer nomear e se reconhecer diante da realidade. O duplo imaginário na paranoia aparece então como um apoio em uma identificação pela imagem especular. Logo, essa posição do duplo envolve também um modo de funcionamento em que algo de íntimo do sujeito é percebido como algo externo, desprendido da realidade enquanto simbolizável, e essa ambivalência diante de sua imagem ideal externalizada, pode levar esse duplo à assumir um caráter agressivo ou persecutório como forma de limitar o Outro.

Procedendo agora à discussão para a estrutura clínica do autismo, nos deparamos com um debate diante da posição estrutural desses sujeitos, chegando alguns autores a postular que o autismo se trata de uma quarta estrutura, como defende por exemplo o casal Lefort. Seguindo a leitura de outros trabalhos (DI PIETRO, 2017; FREIRE, 2002; LAURENT, 2014; MALEVAL, 2009; MONTEIRO, 2011) optamos aqui por nos orientar mais pela posição clínica do autismo, destacando as especificidades e também o que há de constante entre os casos. Nossa abordagem do

tema acaba, assim, por compreender o autismo dentro do campo da psicose, entendendo que a não inscrição do Nome do Pai também estrutura a posição desses sujeitos, mas destacamos algumas singularidades, apresentando as considerações oferecidas por autores de diferentes posições.

Como nos apresenta Maleval (2009/2017, p. 78), as elaborações do casal Lefort sobre o autismo apreendem essa estrutura como sendo dominada por sua relação com o Outro de forma destrutiva. Para os autores, o Outro no autismo se estrutura distinto das psicoses por ser um Outro real, sem furo ou objeto. Enquanto campo dos significantes, o Outro não promove a alienação, faltando assim essa relação que delimita o corpo. Com isso, os Lefort irão defender que uma divisão do sujeito só se faz a partir do real do duplo. Maleval (2009/2017) faz uma crítica a posição desses autores, colocando que estes ficaram entravados na perspectiva do autismo em um primado da pulsão de destruição. Além disso, as possibilidades de apaziguamento e os recursos aos quais o sujeito autista pode extrair do duplo são insuficientemente percebidos pelos autores.

Maleval (2009/2017) expõe então a proposição de uma outra abordagem para compreensão do autismo. Um primeiro fator trabalhado por Maleval (2009/2017, p. 82) para destacar a especificidade no autismo é a “pendência de uma carência da identificação primordial”. Ou seja, para o autor, o autista não conta com um significante que localize um lugar no Outro. Ao contrário, por exemplo, da paranoia, onde vimos uma tentativa de lidar com a ausência do operador simbólico colocando a dinâmica do imaginário como uma forma primordial, o sujeito autista não consegue formalizar uma relação especular de apoio frente a realidade.

Com isso, Maleval (2015) oferece também uma importante assinalação sobre a relação com a alteridade nas psicoses: enquanto a paranoia localiza o Outro como perseguidor e o esquizofrênico rejeita o Outro, o autista carece da construção do Outro (MALEVAL, 2015). Dessa forma também, podemos entender com Freire (2002) que o sujeito autista demonstra uma aparência de alheio a realidade, mas trata-se, na verdade, de uma resposta, onde se posiciona como não reconhecendo nesta a estrutura da linguagem como alteridade própria.

Dessa maneira, Freire (2002, p. 88) também irá colocar que o autista se apresenta, desde o momento ao qual é introduzido a partir do objeto, tentando rejeitar ou anular a dimensão do Outro, buscando assim impedir a invasão de gozo que este lhe impõe, mesmo mediante que esta posição implique na própria anulação do sujeito como alteridade ao objeto.

Laurent (2014) também realiza uma distinção do autismo para outras formas de psicose em referência a forma na qual o gozo aparecesse como excessivo ao sujeito. Diferente da paranoia, em que o retorno do gozo se dá no Outro, e da esquizofrenia, em que o retorno do gozo se dá no corpo, Laurent localiza que o gozo no autismo retorna sobre uma borda. O autor explica que os autistas encontram-se imersos no real de forma a qual não é possível nem a dimensão de um recorte da imagem corporal, não existindo um furo. Exemplo disso, seria a posição desses sujeitos tanto de uma intolerância aos furos que delimitam um espaço fechado, como também às tentativas de produzir furos via automutilação, como uma forma de lidar com excesso de gozo na busca de que algo possa ser extraído disso pelo seu corpo. A ideia de borda, então, é defendida pelo autor como, devido a ausência de uma unidade pela construção do corpo próprio, o sujeito se empenha em realizar um tratamento complexo do mundo exterior pela delimitação de um mundo interior, construindo uma defesa de si pela borda de forma a se isolar do Outro.

Apreende-se também com Vorcaro e Lucero (2010) que o autista encarna no real a presença do objeto fantasmático que preenche a falta do Outro. Por isso, o autista realiza um trabalho de organização defensiva para tentar fazer frente ao Outro. Dessa perspectiva, o objeto da criança autista é algo que a completa e a isola, como uma proteção e uma barreira frente à alteridade. Nessa perspectiva, as autoras também consideram a existência de uma recusa radical do autista ao laço pulsional que o ligaria ao Outro, mantendo-se à margem em uma tentativa de não ser tomado como objeto do gozo do Outro imaginarizado com Real.

Realizando uma leitura sobre o autismo pela concepção de Di Ciaccia (2005), Vorcaro e Lucero (2010) defendem também que, em vez de se fazer representar ou se separar pelo significante, o autista não está barrado e nem pode tentar suprir essa função por um enganchamento pelo imaginário. Desse modo, a linguagem se apresenta para o

autista não em sua face simbólica, mas em sua face real. A palavra dirigida ao sujeito adquire o caráter de um valor real. Por decorrência dessa ausência de posição no simbólico, o significante não pacifica e nem estabelece laço social, pelo contrário, sem ordenação ou sistema de encadeamento, o autista fica à deriva sem poder se orientar pelo desejo do Outro. Esse real da linguagem é compreendido pelo autismo como uma demanda insuportável, como uma ameaça de sua captura.

Di Pietro (2017, p. 42) também destaca a problemática da alteridade no autismo diferenciando de outros casos do campo da psicose ao especificar que, nos casos de autismo o impasse não está localizado em uma ruptura da cadeia significante, mas sim que nesses casos não se produz a ligação na linguagem como o que representará o sujeito junto aos outros significantes, existe aqui apenas a reiteração de um significante. A partir disso, compreende então que o empecilho à inscrição do sujeito no campo do Outro no autismo se trata de uma recusa em ceder o objeto vocal, na medida em que este é o objeto pulsional que opera a identificação primordial.

Como colocado anteriormente por Lacan (1962-63/2005), o objeto é incorporado pelo sujeito a partir do campo do Outro, sendo o suporte da identificação primordial, onde se requer um assentimento à alteridade do que é dito. Como vimos antes, essa operação, no entanto, só pode ser realizada a partir de uma falta no lugar do Outro, enquanto efeito da operação de castração. A partir de sua leitura sobre a constituição subjetiva, Lacan apresenta a voz como um objeto e, sendo assim, ela só pode se isolar do sujeito na medida em que se promove a extração do objeto *a*, configurando a este um caráter de extimo na relação com o sujeito (DI PIETRO, 2017).

Sabemos que essa divisão do campo do Outro fica comprometida em todo o campo das psicoses, contudo, ressalta-se uma singularidade aos casos de autismo. Para Maleval (2009/2017), uma vez na qual o objeto voz é aquilo que liga o sujeito ao campo do Outro, o autista se recusa a ceder esse objeto, mantendo o silêncio como maneira de rejeitar qualquer forma de dependência em relação ao Outro, resistindo assim radicalmente à alienação de seu ser na linguagem. O mutismo característico dos quadros severos de autismo demonstrariam em sua imutabilidade uma tentativa de apaziguamento, na vontade de que nada no mundo se mova, que permaneça tudo

exatamente no mesmo lugar e, assim, o Outro se apresente como consistente e estável, possibilitando que o sujeito consiga permanecer isolado.

Com isso, Maleval (2009/2017) reconhece também como especificidade do autismo um modo de funcionamento que se defende de qualquer deslize metonímico, produzindo como consequência um transtorno na enunciação, pois a palavra não lhes efetua a morte da coisa. Retomando Lacan, Maleval (2009/2017) afirma como constante a todos os níveis do espectro do autismo a retenção do objeto de gozo vocal, na qual o sujeito pode voluntariamente escolher sair do mutismo mas na condição de nada dizer. Ou seja, quando o autista consegue se comunicar realizando um tratamento original da linguagem, ele o faz de maneira a qual a sua posição possa estar cortada do papel de enunciador, não colocando em jogo a presença do gozo vocal.

Esta proteção diante da posição de enunciação é quase sempre suportada por um objeto familiar ao sujeito, na qual ele se apoia para a função de proteção em relação ao gozo sem ciframento, ao mesmo tempo que permite, em certa medida, um contato com o mundo ao seu redor. Dentro dessas possibilidades de suporte para enunciação, Maleval (2009/2017) apresenta o recurso do duplo, que se configura como um suporte que dá consistência a um Eu Ideal, na qual o autista pode confundir-se com o Eu do duplo, ou então, o duplo pode promover uma permutação e divisão do Eu na qual o autista pode sair do mutismo sem emitir qualquer sinal de enunciação, pois essa posição é suportada por outro: é seu duplo quem fala, não o próprio autista.

Por meio dessas considerações sobre o autismo, podemos destacar agora que o fenômeno do duplo no casos de autismo se apresenta como um duplo real. Pela ausência da falta ao campo do Outro, vimos que o autista não consegue formar uma especularidade com um semelhante para formar alguma representação do Eu, do corpo e do Outro. Sem esse referencial, e também sem a incidência do significante como operador simbólico, a linguagem é compreendida pelo autismo em sua dimensão real como uma demanda insuportável. O objeto voz também fica retido pois ele representa uma ameaça de captura do sujeito pelo Outro. Com isso, o duplo se apresenta para o sujeito autista como um recurso do real, em um trabalho de organização defensiva para tentar limitar algo do campo do Outro. Na medida em que o duplo também permite uma animação pulsional que dá consistência à imagem, o gozo desregulado pode ser

localizado e colocado à distância. Dessa maneira temos que, por intermédio do duplo, o sujeito encontra uma proteção e um suporte de enunciação que permite a saída do fechamento autístico.

CAP. 2 - O DUPLO COMO FENÔMENO NA CLÍNICA PARA A PARANOIA

2.1 O duplo como suporte imaginário:

Como apresentado anteriormente a partir de Lacan (1949/1998), nas psicoses o significante Nome-do-Pai, que insere a lei simbólica e a lei do desejo ao sujeito ordenando o gozo, não se inscreve, estando foracluído. Por consequência, a operação simbólica de castração não se produz, fazendo com que o sujeito psicótico esteja inserido na linguagem mas não no discurso como uma modalidade ao laço social. Além disso, entende-se que o sujeito psicótico estabelece uma posição frente a um Outro que não é barrado, o qual apontaria para um sujeito dividido, com sua cadeia de significantes operando de forma ordenada. O que se apresenta, então, para o psicótico é uma posição onde o Outro se apresenta como não faltoso, não conseguindo se mostrar para o sujeito como esvaziado de gozo.

Dessa forma, é possível compreender a pontuação de Lacan (1955-56/2010) de que nas psicoses o que está em causa é justamente a articulação dos significantes, que nunca é solitário e, por isso, necessita buscar alguma forma de articulação em conjunto. Sem a introjeção da metáfora paterna, o acesso do psicótico ao simbólico, deste modo, é singular, se apresentando de forma particular a cada sujeito pois ele não pode contar com a significação fálica para mediar e ordenar suas relações. Compreende-se, então, que o sujeito psicótico se vê diante da necessidade de buscar alguma tentativa que possa, sem o recurso do Nome do Pai, lhe localizar na linguagem frente a esse enxame de significantes. Como nos apresenta Lacan:

Trata-se no fundo da psicose, de um impasse, de uma perplexidade concernente ao significante. Tudo se passa como se o sujeito reagisse a isso como uma tentativa de restituição, de compensação. A crise está desencadeada fundamentalmente por alguma questão sem dúvida. O que é que...? Eu nada sei disso. Suponho que o sujeito reage à ausência do significante pela afirmação tanto mais reforçada por um outro que, como tal, é essencialmente enigmático. O Outro, com um A maiúsculo, eu lhes disse que ele estava excluído, enquanto detentor do significante. Por isso ele é tanto mais potentemente afirmado, entre ele e o sujeito, no nível do outro com minúscula, do imaginário. É aí que se passam todos os fenômenos de entre-eu que

constituem o que é aparente na sintomatologia da psicose [...] (LACAN, 1955-56/2010, p. 227).

Na citação acima, Lacan nos indica que o sujeito, de alguma maneira, reage a esse Outro enigmático, fazendo uma tentativa de compensar essa ausência de compreensão para conseguir se posicionar na realidade. Para ser capaz de se colocar frente à ausência de um significante, que podemos entender como a ausência do Nome do Pai, é possível que o sujeito busque elaborar uma posição para si através de uma afirmação da relação com o outro semelhante, conforme o par imaginário $a-a'$, ou seja, dentro de um eixo narcísico que não comporta a mediação.

Esse trabalho subjetivo que busca uma compensação para a forclusão é uma demanda que se apresenta para a estrutura psicótica como um todo. Contudo, mais especificamente na paranoia, podemos observar que o papel da identificação na constituição do Eu do sujeito, recebendo uma ratificação dada pelo Outro, consegue adentrar a função imaginária por meio de um Eu Ideal, mas que o Ideal do Eu como exigência só poderia advir no conjunto das exigências da lei formuladas pelo Nome do Pai (LACAN, 1953-54/1986).

No texto sobre “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, Lacan (1938) apresenta a relação de ciúmes entre irmãos como uma possibilidade em que o irmão pode vir a se apresentar como um outro que age desestabilizando a identidade imaginária da criança pela rivalidade e agressividade entre irmãos. Lacan ainda estabelece uma ligação desse complexo fraterno com a paranoia, colocando este último como uma estrutura narcísica que se manifesta com fenômenos de intrusão e transmutações delirantes do corpo, tal como o duplo. Essa possibilidade seria justificável pelo fato de que, na paranoia, o grupo familiar estaria reduzido à imagem da mãe e à fratria, assim sem a inclusão da posição paterna, o que formaria no sujeito um complexo psíquico em que a realidade tende a se apresentar e permanecer imaginária.

Com isso, antes mesmo da formulação teórica do significante do Nome do Pai, Lacan (1955-1956/2010) já indica a possibilidade de que, diante de uma dificuldade estrutural, a dimensão imaginária na paranoia se apresenta em maior evidência como uma tentativa de compensação. Essa posição fica em evidência nos fenômenos elementares da paranoia, como por exemplo no delírio de perseguição, ao constatarmos

que a relação entre Eu - Outro fica totalmente pautada num funcionamento diretamente imaginário que não comporta separação, o que faz surgir na paranoia a crença de que Outro quer fazer do sujeito seu objeto, mas também a possibilidade de recorrer ao duplo.

Tal qual nos aponta Freud (1919), o duplo pode surgir de uma identificação com uma pessoa próxima de maneira tão forte, que leva o sujeito a se equivocar quanto ao que é o próprio Eu, podendo, assim, colocar um outro em seu lugar. Seguindo essa direção, também Lacan (1955-56/2010) indica o surgimento do duplo como uma possibilidade subjetiva de operar como um sujeito interposto, remetido ao processo inicial de constituição do Eu, retornando o duplo ao sujeito justamente no nível de relação com o outro semelhante, formalizando esse duplo que, ao mesmo tempo, é seu Eu e também não o é.

Assim, existe a possibilidade de o duplo na paranoia surgir como uma compensação ao nível imaginário, onde o sujeito psicótico, através de uma operação de imitação, forma uma identificação direta, localizando em seu semelhante um funcionamento libidinal que lhe serve de proteção por mediar os significantes invasivos vindos do campo do Outro, possibilitando uma localização na realidade e até uma abertura para laço social.

Essa hipótese de uma compensação imaginária pelo psicótico para se manter estável e organizar a sua realidade é mais profundamente debatida durante o seminário sobre as psicoses acrescentando a discussão, pontuações sobre os trabalhos de Deutsch sobre a personalidade “como se”, e um relato clínico de Katan. Retomaremos estes autores aqui para destacar essa possibilidade do duplo na paranoia empreender uma captura pela via do imaginário, colocando o sujeito psicótico diante de uma superidentificação a traços específicos do outro especular, e oferecendo uma coesão capaz de limitar, mesmo que momentaneamente, o transbordamento de gozo (Miller, 2012).

No trabalho teorizado por Helen Deutsch (1942, *apud* MARTINS, 2017), a autora apresenta a hipótese de uma personalidade “como se”, que seriam casos de esquizofrênicos que apresentam uma capacidade para a identificação da ordem de uma

imitação, formando uma compensação imaginária em que o sujeito se identifica tanto com outra pessoa, que orienta o seu ser através de uma emulação do comportamento desse próximo. Deutsch observa, nesses tipos de casos, uma tentativa de simular uma experiência afetiva, onde a “relação emocional com o mundo exterior e com o próprio eu parece empobrecida ou ausente” (DEUTSCH, 1942, p. 413, *apud* MARTINS, 2017, p. 52). A autora ainda coloca que é possível que a personalidade “como se” seja uma etapa que antecede um processo de desencadeamento, pois apesar da aparência de uma boa adaptação, existe um desinvestimento singular da própria subjetividade frente à realidade externa.

Sobre as personalidades “como se”, Lacan (1955-56/2010) pontua que poderia se tratar de um momento pré-desencadeamento, onde essa mimetização do sujeito consegue se adaptar tão bem à realidade que se aproxima de uma sintomatologia neurótica. A partir disso, Lacan defende que essa identificação imaginária pode posicionar o sujeito na realidade por toda vida, ao passo que também possa comportar nessa mimetização do sujeito um encontro com algum significante ideal. Dessa forma, entendemos que o duplo na paranoia pode trazer ao sujeito uma estabilização por fazer com que algum ponto de basta se apresente ao nível do significante, na medida em que o sujeito tenta responder a sua frustração estrutural no campo do ideal do Eu aderindo pelo outro semelhante um ideal do Eu como um modelo a ser vivido (Santos, 2010).

Lacan (1955-56/2010) aproxima a concepção de Deutsch com o relato de um caso pronunciado por Katan: um jovem na puberdade que tenta alcançar algo, do que Lacan chama da tipificação da atitude viril. Contudo esse acesso ao tipo viril lhe falta, sendo só lhe apresentar possível conquistar mediante uma identificação, uma imitação de um de seus amigos. Então, o jovem se comporta reagindo de acordo com aquilo que acontece com o amigo, chegando, assim como o amigo, a se interessar por uma mesma menina.

Devido à falta ao nível do significante, nesse caso evidenciado pela falta de uma posição viril, vimos que o sujeito recorre a uma compensação imaginária na identificação com o amigo como um duplo, que localiza o sujeito nas suas relações e lhe oferece um lugar possível de inserção na realidade.

Essa verdadeira despossessão primitiva do significante, será preciso que o sujeito dela se encarregue e assuma a sua compensação, longamente, na vida, por uma série de identificações puramente conformistas a personagens que lhe darão o sentimento do que é preciso fazer para ser um homem. É assim que a situação pode se sustentar durante muito tempo, que certos psicóticos vivem compensados, têm aparentemente os comportamentos comuns considerados como normalmente viris, e de uma só vez, misteriosamente, Deus sabe por quê se descompensam. (LACAN, 1955-56/2010, pp. 239-40).

Compreendemos, em consonância com Lacan, que essa identificação com o amigo toma uma dimensão tão importante para o sujeito que a imagem do outro se torna o ponto de enraizamento da sua existência, visto que, se apresenta na função de um modelo de alienação, ocupando uma posição que precisa se reduzir ao semelhante para apreender-se. O sujeito psicótico pode, então, buscar uma estabilização pela via do imaginário através de uma identificação massiva com um objeto situado como seu Eu, organizando, assim, uma amarração entre o imaginário e o real sem o artifício da mediação simbólica (Recalcati, 2003).

Ainda dentro da possibilidade de um suporte pelo imaginário, compreendemos que o duplo, na paranoia, envolve uma identificação com um outro semelhante, tal como se apresentava no processo de constituição do Eu, onde a formação de um corpo próprio só era possível a partir da relação com o outro. Esse duplo da imagem especular evidencia a necessidade de uma alienação por uma imagem que se apresenta primeiramente como externa e que, como pontuado anteriormente a partir de Freud e Lacan, deixa marcas originárias de uma intrusão primordial que podem retornar ao sujeito psicótico.

Por não poder contar com a inscrição do Nome do Pai, que organizaria a cadeia discursiva, colocando uma barra à intrusão do Outro, vemos, então, que o sujeito na paranoia vivência experiências de perseguição dificultando uma relação com a alteridade. A partir da possibilidade de uma compensação pela via do imaginário como recurso para a estabilização, formulamos a hipótese de que o duplo na paranoia pode se apresentar a partir de uma identificação e imitação do outro, promovendo ao sujeito uma

interposição do seu Eu com um objeto que causa uma afirmação de si pelo semelhante. Nesse sentido, o duplo vem como um artifício que pode reintegrar o sujeito na realidade ao passo que se utiliza da relação especular para se localizar no laço social.

Contudo, visualiza-se assim que, também como uma alternativa de equilíbrio da estabilidade psíquica, essa compensação identificatória se apresenta frágil, podendo ser esse recurso esgotado. Dessa forma, há um ponto clinicamente importante: ao mesmo tempo em que o duplo pode ter uma função constitutiva ao sujeito sendo mediadora de sua relação com o Outro, pode haver uma exacerbação que torne esse recurso também fonte de desestabilização, podendo levar à uma tendência agressiva (COSTA, 2007), possibilidade essa que será abordada no tópico 2.2.

Buscaremos agora, a partir de uma vinheta clínica, evidenciar essa forma pela qual o duplo imaginário na paranoia pode servir como uma invenção singular que localiza o sujeito no laço social. A partir da convivência na oficina do Projeto Circulando, formou-se a hipótese de que Pedro teria construído uma relação de um duplo imaginário com Gabriel, ao percebermos que esta relação operava pela função especular, em uma duplicação que forma um Eu na relação imaginária com o Outro. No manejo do trabalho clínico, se estabeleceu a tentativa de auxiliar Pedro a poder utilizar-se de seu duplo imaginário de uma forma que não reduzisse seu Eu para um sujeito interposto, mas sim em um duplo que servisse como uma ferramenta de apaziguamento que lhe permitisse se inserir no laço com os demais.

2.1.1 Caso Pedro: O Menino Gavião

Pedro Henrique tem 25 anos e participa do projeto Circulando há aproximadamente cinco anos. Coursou faculdade de cinema, demonstrando sempre bastante interesse por desenhos animados. Nas oficinas, continuamente comenta algum marco histórico, nome de presidentes, filmes, diretores, anos de vitória do Brasil na Copa do Mundo, lembrando a todo momento esses dados automaticamente e com precisão. Pedro traz recorrentemente em conversas na oficina sua dificuldade particular frente a alteridade, como por exemplo, na época em que frequentava a escola e sentia

que não era aceito por seus colegas e professores, relatando ter sido perseguido por brincadeiras jocosas, porém tendo bastante dificuldade de descrevê-las nos explicando o que realmente ocorreu, trazendo mais as suas interpretações de como as pessoas lhe tratavam. Apesar disso, na oficina, Pedro aos poucos vai estabelecendo uma relação possível de diálogo com todos os participantes e osicineiros, conseguindo ao longo de seu atendimento criar um espaço onde ele falava sobre temas e assuntos que lhe interessavam, demonstrando nesses diálogos uma abertura para alteridade em grupo. Essa abertura foi um ponto clinicamente positivo, pois demonstrava para a equipe que Pedro conseguia vivenciar a alteridade sem se sentir tão perseguido, sentimento este que aparece frequentemente quando nos relata sobre seu passado.

Dentro desses vínculos criados por Pedro, percebemos que ele foi se aproximando mais, nos últimos dois anos, do paciente Gabriel, diversas vezes mencionando que sentia por ele uma grande amizade e que este é *seu irmão*. Pedro começou a buscar sempre estar próximo de Gabriel, esperando-o chegar na oficina e também buscando lhe acompanhar na hora da saída. No entanto, esta aproximação com Gabriel começou a apresentar certas dificuldades para o manejo clínico, visto que, muitas vezes, Pedro demonstra uma proximidade exacerbada, chegando a, por exemplo, realizar brincadeiras e gestos excessivos com Gabriel, seja na tentativa de manipular suas mãos ou pedindo que ele repetisse algo várias vezes, demonstrando certa satisfação em exercer algum controle sob Gabriel. Gabriel, por sua vez, nos indicava que essa proximidade constante com Pedro começava em alguns momentos a ser demasiadamente invasiva, chegando a, fisicamente, tentar se afastar de Pedro, seja mudando de lugar na sala ou até mesmo empurrando Pedro.

A partir dessas dificuldades, a equipe se articulou para tentar buscar formas de mediar esse convívio de forma que não ficasse excessiva tanto para Pedro quanto para Gabriel. Com isso, uma das estratégias que foi elencada por mim durante uma oficina, onde Pedro estava demonstrando justamente essa forma de contato excessivo com Gabriel, foi pegar algumas folhas e canetas, sentando-me em uma mesa separada da dos demais do grupo, e convidar Gabriel para desenhar. Ele aceitou a proposta, sentou-se junto à mesa, sendo seguido logo por Pedro, que sentou se também à mesma mesa. Pedro inicialmente tentou chamar a atenção de Gabriel para si, como ao falar algo baixo

no ouvido de Gabriel, mas este o ignorou, não respondendo a essas investidas, demonstrando estar concentrado no desenho. Pedro, então, pareceu desistir momentaneamente das investidas de contato com Gabriel, voltando-se a mim e iniciando uma conversa, comentando de uma história que tinha criado anteriormente e que agora estava criando uma nova. Perguntado sobre essa nova criação, Pedro então começou a descrever e também desenhar essa nova narrativa.

A narrativa criada trata da história de uma dupla de heróis, sendo Pedro o *Menino Gavião*, que segundo sua explicação, Menino porque *não se vê como homem, e sim como menino*, e *Gavião* por ser *uma ave única, grande e extinta*. Gabriel fecha a dupla heróica sendo o *Super Pipoca*, também, segundo a explicação de Pedro, pois *ele (Gabriel) gosta bastante de pipoca*. Ambos tinham poderes e uniformes idealizados também por Pedro, que os desenha durante a oficina, enquanto explica sua história.

A narrativa ainda tem como personagens outros participantes da oficina, tendo cada um uma função, que seguia mais ou menos o que Pedro observava deles e de suas relações com Gabriel na oficina, tomando suas características e afetos para designar tais posições. Cumpre ressaltar que as características dos personagens que não sejam o *Menino Gavião* ou o *Super Pipoca* advêm do modo como os demais participantes se relacionam com Gabriel e não com Pedro, evidenciando-se a função de Gabriel como um duplo que media a relação de Pedro com a alteridade. Essa posição ficou um pouco mais em evidência, por exemplo, na escolha do vilão da história, um participante da oficina que implicava bastante com Gabriel.

A história criada por Pedro se tornou um tema recorrente durante as oficinas seguintes, onde Pedro a desenvolveu, nos apresentando uma narrativa na qual existia um plano do vilão para dominar a cidade, seguida de uma luta final contra os heróis, onde a dupla saía vitoriosa e salvavam a cidade, resgatando os demais personagens que eram reféns. Durante essa elaboração da história, Pedro aceitou as perguntas e o interesse da equipe sobre os desenhos, explicando suas criações e, assim, conseguindo sustentar a atividade mesmo sem o contato direto da presença de Gabriel.

A partir desse percurso de trabalho clínico, compreende-se que Pedro construiu um apoio para si através de uma identificação com Gabriel na forma de uma bengala

imaginária, como elaborado por Lacan ao trabalhar o conceito, de forma com que essa relação seja um suporte pela via do imaginário que localiza Pedro diante dos significantes vindos do campo do Outro. Dessa forma, supomos que Gabriel ocupa a função de um duplo imaginário, na qual o outro torna-se uma espécie de modelo a guiar sua relação para com a alteridade, visto que é a partir do personagem de Gabriel que Pedro demonstra seus afetos e considerações sobre os demais participantes da oficina, fornecendo a ele um modelo a ser reproduzido.

Acreditamos que esta construção da narrativa se apresentou como o estatuto de uma invenção para Pedro, que através de seus desenhos pode inserir algo de sua singularidade, realizando um trabalho de captação dos elementos advindos de seus encontros com a alteridade, com seus pares e os espaços onde compartilham sua experiência. Ao passo que constrói suas narrativas, ele localiza uma posição para si e para seus colegas, tomando o dispositivo clínico como um lugar para que ele possa narrar ali os laços que faz com todos na oficina, em uma forma de dizer mais de si mesmo como sujeito nas conversas e interações com demais participantes da oficina, sem a sensação manifesta de estar sendo perseguido.

2.2 O duplo e a agressividade imaginária

Nos tópicos anteriores desse capítulo buscamos explorar a forma pela qual o duplo pode servir como suporte de uma compensação imaginária nos casos de paranoia, garantindo ao sujeito a coexistência dele com o Outro e promovendo uma abertura ao laço social. Contudo, vimos a partir das pontuações de Lacan (1955-1956/2010), que existe sempre a possibilidade deste efeito ser esgotado. Retomemos agora essa indicação utilizando novamente uma afirmativa de Lacan:

Nem todos os tamboretos têm quatro pés. Há os que ficam em pé com três. Contudo, não há como pensar que venha a faltar mais um só senão a coisa vai mal. Pois bem, saibam que os pontos de apoio significantes que sustentam o mundinho dos homenzinhos solitários da multidão moderna são em número muito reduzidos. É possível que de saída não haja no tamborete pés suficientes, mas que ele fique

firme assim mesmo até certo momento, quando o sujeito, numa encruzilhada de sua história biográfica, é confrontado com esse defeito que existe desde sempre. Para designá-lo, contentemo-nos até o presente com o termo *Verwerfung* (LACAN 1955-56/2010, p. 237).

Dentro dessa metáfora dos tamboretas, compreende-se que o sujeito psicótico pode se localizar na alteridade mesmo sem a sustentação de “quatro pés”, ou seja, mesmo sem a introjeção da metáfora paterna que aponta tanto para um sujeito dividido quanto para uma barra ao Outro. Essa possibilidade é justificada pela alternativa da compensação imaginária, que defendemos aqui se apresentar no fenômeno do duplo pois, na identificação com outro semelhante, percebemos que o sujeito configura um ponto de apoio que lhe sustenta ao nível dos significantes, tal como explicita Lacan na citação acima. Entretanto, Lacan aponta, em sequência, que esse recurso pode funcionar até um determinado momento, até quando algo se apresenta ao sujeito como um defeito, uma falta que estava presente ali desde sempre e que, aqui pensando especificamente no duplo imaginário, esse fenômeno de compensação já não dá mais conta de tentar suprir. Por fim, Lacan apresenta essa falta com a designação do termo *Verwerfung*.

Como comentado anteriormente, o termo *Verwerfung* é utilizado primeiramente por Freud para designar a rejeição como o mecanismo de defesa específico da psicose, compreendendo que nessa estrutura ocorre uma rejeição radical da realidade. A partir do termo freudiano *Verwerfung*, Lacan (1955-1956/2008) traduz o termo para forclusão para indicar que, na psicose, a possibilidade da simbolização da castração prescreveu. Com isso, temos aqui que, apesar de conseguir se orientar na realidade a partir de uma compensação imaginária, a forclusão estrutural da psicose sempre pode vir à tona para o sujeito, quando se apresenta uma exigência ao nível do simbólico que requisita o significante do Nome do Pai.

Da expressão da forclusão emergindo podemos entender as problemáticas frente a manter uma forma de estabilização que, quando não é mais possível, com a sua perda podem levar ao desencadeamento dos surtos psicóticos como uma “desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida do sujeito.” (LACAN, 1957-58, p. 565). Miller (2012) indica essa desordem a partir da maneira na qual o sujeito experimenta o mundo que lhe cerca, diferenciando que, no caso das psicoses, essa

externalidade pode promover uma desordem de base tripla: a social, a corporal e a subjetiva. No campo social, Miller aponta que a psicose indica uma impotência na relação do sujeito com uma identificação social que se retrate como função que lhe localize frente à alteridade. Há também a possibilidade dessa relação negativa se apresentar no sentido inverso, onde o suporte identificatório se salienta de forma maciça, para tentar servir ao sujeito como o Nome do Pai. Nesses casos, a perda desse suporte pode desencadear a psicose já que, sem esse lugar social, a forclusão do Nome-do-Pai fica evidenciada. Em ambos os casos, é possível reconhecer na psicose a construção de uma relação com o social “com um furo, um desvio ou uma desconexão que se perpetua” (Miller, 2012, p. 424).

Seguindo essa premissa de uma desordem provocada por uma tripla externalidade, Miller (2012) ainda apresenta a dificuldade na relação com o corpo próprio para a psicose. No campo corporal, o autor afirma que é possível verificar um corpo que se desfaz exigindo que o sujeito crie constantemente para si formas de laços artificiais para se apropriar e prender seu corpo a ele mesmo. Dessa maneira é que podemos igualmente compreender a terceira causa da desordem, a subjetiva, pois é também numa experiência do vazio que o sujeito se relaciona com o Outro, não podendo ser vivenciado de forma dialética.

Retomando a possibilidade do duplo imaginário para a paranoia, podemos compreender que, apesar dessa compensação localizar o sujeito no campo social, formando também alguma ancoragem na relação com o corpo próprio e com o Outro, o duplo imaginário não permite tamponar totalmente esse furo da forclusão que se apresenta na constituição subjetiva da psicose. Quando o duplo não consegue mais ser um suporte que localiza o sujeito, o que pode se apresentar é o seu contrário, evidenciando a desordem. É nesse sentido que podemos indicar que a formação do duplo traz consigo um caráter ambivalente, próprio da constituição do Eu, na medida que provém de uma identificação narcísica, mas que sua incorporação também inclui, por definição, o aniquilamento e a destruição do sujeito por seu objeto.

Recorrendo ao que vimos com Freud, retomamos as primeiras relações com o objeto no texto “A Negativa” (1925) quando o autor descreve o processo onde o “Eu-Prazer” introjeta o que no exterior é considerado fonte de prazer e expulsa de si

aquilo que em seu interior transmite desprazer. Dessa forma, a partir da expulsão de algo de dentro que se constitui um primeiro objeto e limita o que está fora. Através do que já foi parte do Eu, forma-se um objeto considerado externo, mas sempre de forma imprecisa para o sujeito psicótico, condição tal qual destacamos com Lacan através do conceito de “extimidade”. Seguindo com Freud, retornando no texto “Os instintos e suas vicissitudes” (1915), ainda com o primeiro dualismo de “pulsões de autoconservação do eu e pulsões sexuais”, vemos a formulação de que o Eu prazer considera o mundo externo como dividido nessa parte agradável na qual ele se incorpora a si, e todo o restante fica isolado do seu próprio Eu como algo estranho e hostil. Assim, Freud coloca que na própria constituição do Eu, no momento que surge uma delimitação do mundo externo, surge também um objeto de ódio e agressividade que atua como ameaça a preservação do Eu.

Na paranoia Freud (1911) nos mostra que esse objeto externo que se apresenta como o perseguidor do sujeito, em outro momento era objeto de amor, o que transpareceria na construção do seu delírio. Atuando como um modo de defesa, Freud localiza na lógica do conflito um expressão que possibilite o sujeito se posicionar em relação a esse objeto amado/perseguidor. Como a afirmativa “Eu (um homem) o amo (outro homem)” é insuportável ao sujeito, Freud localiza que no delírio de perseguição se realiza uma primeira transformação, ao não conseguir considerar o objeto externo como forma de amor, ele o transforma em seu oposto: “Eu não o amo – logo eu o odeio”. Em seguida, o mecanismo da paranoia se apresenta em maior evidência, ao realizar projeção de uma percepção interna, substituindo esta por outra vinda de fora, conseguiria justificar o ódio em relação ao seu perseguidor: “Eu não o amo – eu o odeio – porque ele me persegue”.

No texto “A agressividade em psicanálise” (1948/1988), Lacan afirma que a agressividade se manifesta numa experiência subjetiva por sua própria constituição, sendo assim, a tendência correlativa ao modo de identificação narcísica determina a estrutura do Eu. Podemos compreender disso que, se no papel da alteridade na constituição do Eu temos presente a constatação de que o “Eu é um Outro”, essa exterioridade da imagem especular induz também uma tensão e uma estranheza que contêm os fundamentos da agressividade. Em consonância com as formulações da

metáfora do Estádio do Espelho, compreendemos que o sujeito, em sua constituição, se depara com uma relação imaginária dual, o sujeito só pode perceber-se na imagem do outro, o que pode levar a sensação manifesta de que é esse outro que está de posse de sua imagem. Trata-se então de uma identificação alienante e produtora de tensão, o que leva Lacan (1948/1988) a apontar que, se meu Eu está fora de mim no Outro, é preciso destruir este Outro para que Eu possa ter um lugar, colocando assim o narcisismo e a agressividade como concomitantes na relação especular.

Ainda acerca dessa “armadilha narcísica”, Lacan (1962-63/2005) também pontua que só é possível sair desse impasse a partir de uma intervenção de separação do simbólico, onde se nesse primeiro momento do encontro com a imagem especular o sujeito não for capaz de extrair alguma diferença, a fascinação da própria imagem leva o sujeito a sucumbir aniquilado pela própria agressividade.

Nesse sentido é que podemos compreender com Lacan (1962-63/2005) a possibilidade da imagem do duplo, ao tomar a imagem especular, revelar ao sujeito uma condição de não autonomia. Dessa forma, o instante do *Unheimlich* faz com que o duplo apareça como objeto de estranheza, levando o sujeito a se deparar com a posição de “meu desejo entra no Outro sob forma do objeto que sou, e me exila de minha própria subjetividade, resolvendo por si todos os significantes a que ela está ligada.” (LACAN, 1962-63/2005, pp. 58-59). Entendemos, a partir disso, que o caráter de estranheza vem acompanhado desse ponto em que o sujeito se depara à mercê do desejo do Outro, posição essa extremamente invasiva para a psicose, que não possui simbolicamente o operador fálico que produza uma barreira contra a invasão deste desejo, deixando a sensação manifesta de estar sempre em vias de se tornar objeto de gozo do Outro.

É nesse mesmo sentido que podemos compreender o fenômeno do duplo imaginário para a paranoia como algo que pode ser tão constitutivo quanto mortal, já que se apresenta tanto como um mecanismo ligado à onipotência narcísica em uma tentativa de negação da castração e da finitude, como também pode, em outro momento, justamente evidenciá-las como “o estranho anunciador da morte”. Ainda que se apresente um importante trabalho subjetivo feito pelo psicótico de tentar lidar com a alteridade pela via das construções imaginárias como o duplo, faz-se também

importante frisar, a despeito deste esforço, que essas compensações não excluem o caráter de instabilidade imanente presente neste tipo de relação dual, onde se transita do polo da paixão irrestrita ao polo da agressividade ilimitada (COSTA, 2007).

Assim, vemos o duplo imaginário como possível de servir ao sujeito como um modo de defesa frente ao gozo do Outro pela emulação de comportamentos de pessoas próximas, mas que quando é remetido ao *Unheimlich*, traz à tona a angústia da ordem do impossível para o sujeito psicótico, na qual o simbólico e, já não mais, o imaginário, podem dar conta. Este momento de aparição do que lhe é estranho retira a possibilidade do sujeito de continuar encenando uma imitação do semelhante, trazendo uma ruptura na sustentação da imagem do eu. Temos então, a partir do instante em que o *Heimlich* se apresenta como *Unheimlich*, o sujeito psicótico diante do “*nada-de-significante*”, com o surgimento dessa angústia afetando o sujeito ao fazê-lo vacilar, sem o duplo localizando mais a realidade enquanto simbolizável.

Dessa forma, encontramos a manifestação da agressividade diante da estranheza e os sentimentos ambivalentes da relação com o outro originados na constituição do Eu vêm a retornar. Reconhecemos, assim, que o mecanismo de estabilização pela via do duplo imaginário se apresenta frágil, já que essa identificação é feita sem o suporte de mediação da significação fálica, ou seja, sem um suporte em âmbito do significante do Nome do Pai foracluído. Com isso, a compensação imaginária fica pautada em uma forma de identificação onde o sujeito se escora mais no ser do outro do que no seu próprio, demonstrando uma incapacidade de assumir uma suplência propriamente dita (MILLER, 1996). Ao proporcionar para o sujeito que ele assuma uma imagem que lhe oriente na realidade, o duplo também pode promover a marca de uma submissão em um nível imaginário, pois é a figura deste semelhante que controla a possibilidade ou não de sua própria existência.

Podemos compreender também os conflitos subjetivos que se apresentam na manifestação do duplo na paranoia a partir das indicações na tese de Lacan do caso Aimée.

Aimée foi uma paciente internada na ala psiquiátrica do Hospital Sainte-Anne, em Paris, após cometer uma tentativa de homicídio contra a atriz Huguette Duflos.

Aimée afirmava estar sofrendo com as constantes difamações proferidas pela atriz a seu respeito, demonstrando manifestações de um delírio de perseguição. Lacan (1932) apresenta que, no período anterior à passagem ao ato, viámos Aimée funcionar orientada por seus duplos, que passavam de uma identificação imaginária para um carácter persecutório até o rompimento da tentativa de homicídio.

Contudo, apesar de apresentar uma variedade de duplos perseguidores, com a atriz e também com uma amiga íntima, Lacan (1932) destaca que Aimée apresentou uma ligação com sua irmã como um primeiro modelo de duplo imaginário, na qual possuía uma relação de extrema rivalidade. Essa rivalidade para com a irmã foi destacada principalmente a partir do momento em que ela se mudou para casa de Aimée e de seu marido depois do casamento, o que Lacan (1932) descreve como um acontecimento decisivo na vida de Aimée. No percurso até sua internação, a irmã de Aimée demonstrou se posicionar para Aimée como uma figura ambivalente, com uma presença dominante que interferia na sua família, se posicionando sempre contra Aimée, mas também ocupando um lugar de referência na qual Aimée tinha dificuldade de desconstruir (MARTINS, 2017).

Lacan observa que o papel da irmã configura uma série de impulsos hostis e uma ambivalência afetiva à psicose de Aimée, que estrutura futuramente tanto seu delírio de perseguição como seu comportamento autopunitivo. Para Lacan (1932), a relação com a irmã configura uma identificação imaginária em um ideal na qual Aimée sentiu ser impotente para realizar. Também coloca que os duplos persecutórios subsequentes à irmã foram uma tentativa de Aimée de deslocar seus sentimentos hostis, originalmente dirigidos à presença e à identificação com sua irmã, para um outro objeto, um substituto que se relacionava à identificação primeira mas fazendo um deslocamento de distância do objeto real, em um esforço de se libertar da agressividade com a irmã.

Assim, a relação persecutória com a atriz Huguette Duflos, por exemplo, vem de uma transferência para a figura da atriz de seu ódio amoroso pela irmã, colocando na figura dessas perseguidoras “uma nova imagem – sempre inteiramente cativa de seu narcisismo – dessa irmã que nossa paciente havia transformado em seu ideal.” (LACAN, 1932, pp. 26-27).

Contudo, com essas mulheres, Aimeé conseguiu colocar sua identificação em forma de uma projeção em que todo conteúdo censurável de sua mente era tomado como vindo de fora, transformando esses duplos imaginários em seus perseguidores na medida em que essa “mesma imagem que representa seu ideal é também o objeto de seu ódio.” (LACAN, 1932/1987, p. 254). Esta captação identificatória à qual o sujeito está submetido pela imagem do outro, demonstra estar inserida dentro do campo da paranoia, onde uma identificação sem mediação de um terceiro, colado em um ideal, começa em determinado momento a se tornar instável, revelando a agressividade que está presente dentro do caráter ambivalente.

Já a passagem ao ato com a atriz, Lacan (1932) coloca como o instante em que nenhuma mediação é mais possível, e o sujeito estabelece uma tentativa de promover uma separação radical com o outro mas também como uma agressão a si mesma, representada na imagem ideal externalizada em um outro semelhante, no caso aqui a atriz do teatro.

É importante destacar que, embora o conflito de Aimée com seus duplos possa ser tratado como marcantes nessa psicose, nem sempre esses conflitos resultam em um desfecho como o da paciente (MARTINS, 2017). Por muitos anos, Aimée se manteve bastante organizada, mantendo sua vida profissional, tendo seus duplos como modelos nos quais tentava se espelhar. Porém, vemos que em sua construção delirante, seus duplos vão gradualmente se transformando em uma identificação permeada por sentimentos ambivalentes, onde o caráter agressivo é externalizado fazendo com que eles se tornem perseguidores e a passagem ao ato é utilizada como tentativa de ruptura.

Buscaremos, agora, retomar o caso de Pedro para demonstrar como o duplo que formulou um suporte imaginário ao laço social, promovendo na narrativa criativa de desenhos e histórias de super-heróis em uma modalidade de trabalho psíquico, tomou uma consistência tornando este seu objeto não só de identificação, mas também de controle e agressividade. Quanto mais este sujeito apresentou dificuldades em separar seu Eu do Outro, criando um discurso *como se* fossem *um* personagem, mais podemos observar manifestações persecutórias e invasivas de desregulamentação pulsional.

2.2.1 Caso Pedro: Duas Caras⁴

Continuando no percurso clínico de Pedro, percebemos uma mudança na sua presença e no seu comportamento na oficina. Primeiramente, visualizamos como equipe que Pedro não tem mais recorrido aos desenhos como atividade, nem elegido nenhum outro recurso como atividade para participação da oficina, dizendo que prefere conversar, enfocando, sempre, sua relação com Gabriel. Pedro também nos notifica uma mudança e nos diz que ele e Gabriel agora fazem passeios juntos no final de semana, estabelecendo uma convivência fora do projeto.

Inicialmente esse convívio fora da oficina não se apresenta como problemático, porém é possível perceber uma mudança importante através do discurso de Pedro, ao nos dizer que nesses encontros os estagiários da equipe *não têm mais controle* sobre eles, pois agora eles *têm uma vida fora dali* e de nossas *regras*. Nesse sentido, observa-se que para Pedro a mediação de sua relação com Gabriel por parte da equipe do projeto estava se apresentando como invasiva e controladora.

Percebemos, também, como mudança o retorno da dificuldade de Pedro em aceitar alguma separação de Gabriel, atendendo outras sugestões ou iniciativas em alguma atividade que não envolva este, mesmo que seja para criar ou continuar com suas invenções de histórias da dupla de super-heróis. Quando conversamos sobre essa proximidade, tentando criar alguma alternativa, Pedro diz que precisa cuidar de Gabriel, que precisa zelar por ele, pois Gabriel mora em seu coração. Fica evidenciado no significativo “precisa” o caráter imperativo dessa função de duplo em jogo para Pedro, e sua dificuldade de prescindir desse recurso, o que torna o manejo da equipe difícil.

Também reparamos o retorno de uma recorrente fala rápida e sem pausa de Pedro, carregada de tremores e nervosismos, e também certa agressividade quando contrariado, demonstrando se preocupar e temer o tempo todo que sua relação com Gabriel seja comprometida, questionando a equipe sobre um desejo de separá-los.

⁴ Duas-Caras é um personagem fictício dos quadrinhos no Universo DC. Ele é um vilão, inimigo do Batman com dupla personalidade e a expressão do seu rosto é metade deformada, metade humana.

Além disso, Pedro começou a chegar cada vez mais agitado nas oficinas, abraçando muito Gabriel, que demonstra agitação e incômodo. Anteriormente, acreditamos que Gabriel também se utilizasse da relação dual com Pedro, porém, a partir de seu incômodo, visualizamos que Pedro começou a ocupar uma posição cada vez mais invasiva, sempre presente e sempre próximo de Gabriel, chegando por vezes a tentar segurar e agarrar Gabriel pelo braço. Com isso, vimos Gabriel optar cada vez mais por atividades separadas nas oficinas, convocando algum estagiário para sair com ele ou para sentar em outra sala para desenhar.

Em alguns momentos, Gabriel chegou ao projeto demonstrando estar desorganizado, pedindo para ir ao CAPS. A equipe se dividia, uma parte aceitava acompanhar Gabriel, enquanto outra permanecia na oficina. Nessas situações, Pedro dizia que queria também acompanhar Gabriel, dizendo estar preocupado com ele e que, como amigo, tinha que cuidar dele. No entanto, algumas vezes Pedro aguardava do lado de fora do CAPS rindo, sem explicar o porquê mas buscando olhar para Gabriel. Como equipe tomamos a decisão de barrar as idas de Pedro para acompanhar Gabriel, o que sempre era tomado por Pedro como uma vontade de separá-lo do amigo e controlar sua vida.

Apesar de, até esse momento no discurso de Pedro, Gabriel se apresentar como seu amigo ou seu irmão, começamos a perceber que essa relação compreende ao mesmo tempo Gabriel como rival e igual. A equipe, quando tenta alguma manobra com Gabriel de forma particular para lhe auxiliar quando desorganizado, é questionada por Pedro em um tom de reclamação. Pedro nos questiona e exige querer exatamente a mesma coisa que Gabriel, desde o mesmo tratamento dos oficinheiros, nas saídas e convites que eram feitos para Gabriel ficar em uma sala diferente do grupo, ou até quando estamos no coletivo, por exemplo quando Pedro reclama que quer exatamente o mesmo número de pães de queijo que Gabriel pega no piquenique. Quando não ocorre a exata igualdade, Pedro diz estar sendo injustiçado.

O manejo é delicado, pois se para Gabriel a função de duplo para Pedro aparentemente foi se tornando uma posição difícil e incômoda, sua saída desse lugar

não é fácil para Pedro, que parece senti-la como a perda de uma bengala imaginária, de um suporte em sua relação com o Outro.

Foram realizadas muitas tentativas de oferta de atividades e também conversas com Pedro para buscar inseri-lo novamente nas atividades em grupo. Em uma dessas conversas, quando questionado sobre a falta de investimento nas atividades propostas nas oficinas, permeadas de saídas da sala durante a oficina quando Gabriel não está ou está concentrado em outra atividade que não o inclui, Pedro nos diz que não se interessa pois *Gabriel é sua metade*. Ainda nos diz: *É como se fôssemos o Duas Caras sabe? O personagem do Batman? Como se fôssemos um*. Para Pedro, todos querem separá-lo de Gabriel e ninguém o compreende.

Essa metáfora com o personagem “Duas Caras” denota que aquela relação de apoio, cuja função especular lhe dava algum ponto de ancoragem permitindo se apreender no plano imaginário, tornou-se excessiva, saindo de uma ordem de parceria da dupla de super-herói para uma relação coexistência “como se” onde só pudessem ser um, o que direciona para uma relação de intensidade e agressividade. Desse modo, compreende-se que, de início, o duplo operou como um suporte ao enlace com a alteridade, promovido através da construção criativa de uma narrativa de desenhos e histórias de super-heróis, em um trabalho psíquico que promove abertura ao laço social. Entretanto, quanto mais este sujeito apresenta dificuldades em separar seu Eu do Outro, criando um discurso como se fossem um personagem de duas caras, mais podemos observar manifestações persecutórias e invasivas de desregulamentação pulsional.

Diante da construção elegida por Pedro, percebemos que a estratégia de compensação imaginária do duplo pode auxiliar o sujeito à alteridade. Entretanto, observamos também com o desenvolvimento desta relação, que esta saída pode ser precária e limitada, transformando o seu objeto de identificação, também objeto de controle e agressividade.

Durante as supervisões de equipe, estabelecemos a direção clínica de incentivar as invenções criativas de Pedro, como na criação da sua narrativa do ‘Menino Gavião’, de modo a que ele pudesse se servir do recurso ao duplo imaginário não somente na presença direta e imediata de Gabriel, mas também nos personagens criados, que

apresentam um interessante trabalho psíquico, esboçando-se uma simbolização. Ou seja, que Gabriel possa operar como duplo para Pedro mesmo em sua ausência física, como personagem de uma história criada por este. Assim, espera-se que ele possa estabelecer algum ponto de basta que não lhe seja intrusivo, e que abra possibilidades ao laço social.

CAP. 3 - O DUPLO COMO FENÔMENO NA CLÍNICA PARA O AUTISMO

3.1 O duplo e a constituição corporal

Como vimos com Lacan (1949/1998), a metáfora do Estádio do Espelho nos apresenta as relações que constituem o sujeito proporcionando uma identificação à sua imagem, visto que esta não é dada *a priori* devido ao desconhecimento original a respeito do corpo próprio e de sua totalidade. Para que seja possível a operação psíquica que resulte num corpo, vimos a necessidade de que essa operação passe também por uma apreensão de fora, através de um investimento libidinal pela palavra, que possibilita que uma unidade comparável ao Eu se constitua num processo de identificação de sua relação com seu semelhante. Contudo, o sujeito autista nos evidencia tanto a possibilidade de que a palavra vinda da alteridade não venha incidir como reguladora de gozo formalizando o circuito pulsional, como também casos onde o corpo se apresenta despedaçado pelo real das pulsões, sem a demarcação das zonas erógenas que constituem as bordas corporais.

É o que também nos apresenta Laurent (2014) ao postular que o sujeito autista encontra-se numa posição onde o Outro não irá lhe conferir um corpo, já que esse só seria possível se um objeto pudesse se separar dele. Dessa forma, a pulsão circula pelo corpo do autista em uma sensação de forma autoerótica, manifesta como invasão de gozo pois esse sujeitos não puderam realizar subtração do gozo que intervém através da extração do objeto *a*. Com isso, o autista estaria em uma relação com o seu corpo como se este lhe fosse “sua cápsula ou uma bolha muito sólida que lhe permite defender-se das manifestações do Outro que lhe são dirigidas.” (LAURENT, 2014, p. 78), estabelecendo uma defesa tão firme que afasta o sujeito da abertura para alteridade.

O autor nos explica que, mediante a sua dificuldade de lidar com o alteridade, o autista busca construir uma barreira de proteção, forjando o próprio corpo como uma carapaça que lhe isola do Outro, como um lugar de defesa onde o sujeito se situa. Assim, esse espaço não comporta uma delimitação por um furo, construindo uma borda

sem furo porque nada falta para esses sujeitos que estão imersos no real, e destituindo a possibilidade da alteridade advir como lugar de trocas com o Outro.

Contudo, Laurent (2014) também esclarece que, apesar desse limite corporal, é possível se estabelecer um trabalho de deslocamento, operando pela construção de um espaço onde o contato e trocas podem ocorrer, na medida em que seja possível atuar “uma cadeia singular que amalgame significantes, objetos, ações e jeitos de fazer, de modo a construir um circuito que faça função de borda e de circuito pulsional.” (LAURENT, 2014, p. 83). Para que essa alternativa seja possível é imprescindível que algo possa ser extraído mediante um acontecimento de corpo, no qual o sujeito consegue ceder uma carga de gozo desse lugar de pura presença, sem que isso seja insuportável demais para ele (LAURENT, 2014).

Com isso, Laurent (2014) defende que é preciso levar em conta toda a variedade dos componentes que possam vir a construir um circuito singular que afaste o gozo do corpo do sujeito e se apresentem em um espaço de trocas na interação com o sujeito:

Esforçar-se para entrar em relação com um sujeito autista, confrontar-se com esse impossível, com esse real, a partir de uma perspectiva psicanalítica, supõe apelar à invenção de uma solução particular sob medida. Com efeito, a invenção é o único “remédio” do sujeito autista e deve incluir, a cada vez, o resto, ou seja, o que permanece no limite de sua relação com o Outro: seus objetos autistas, suas estereotípias, seus duplos (LAURENT, 2014, p. 78).

Trabalhamos anteriormente a hipótese de que a relação com a alteridade se apresenta como problemática para a estrutura psicótica, onde o ordenador simbólico da cadeia significante se encontra foracluído, apontando o retorno no real daquilo que não se inscreveu simbolicamente. Esse trabalho, frente ao retorno de um gozo absoluto e invasivo, sem barra, é possível ser compreendido como exigência a todo campo da psicose. Entretanto, como colocamos anteriormente, podemos realizar uma distinção dentro do campo das psicoses e sua relação com a alteridade para o sujeito autista ao ponto que defendemos que para esse último se trataria de uma defesa radical diante da própria estrutura da linguagem, se mostrando aparentemente alheio à alteridade própria do campo do Outro na medida em que o autista se comporta tentando anular a dimensão

do Outro para impedir a invasão de gozo que se impõe. Justamente porque a passagem do que seria o Outro prévio, campo dos significantes já num primeiro encontro onde o sujeito ingressaria, para o Outro constituinte como sujeito desejante não pode ocorrer no autismo, percebemos uma exigência de trabalho subjetivo a esses sujeitos para que possa barrar o gozo ameaçador, lhe permitindo alguma abertura ao laço social (FREIRE, 2002).

Assim, diante dessa exigência de trabalho que os autistas empenham, nos encontramos diante da multiplicidade das invenções que, como indica Laurent (2014), são um meio pelo qual esses sujeitos possam reordenar a sua realidade, localizando e barrando o gozo que, por não ter sido mortificado pelo significante, os invade. Com a singularidade própria de cada um, podemos testemunhar que as invenções podem contribuir na estruturação da imagem corporal pela sua capacidade de enquadramento do gozo que permite a animação libidinal, fazendo com que seja possível encontrar uma saída de seu fechamento autístico.

É dentro dessa função das invenções que podemos compreender o duplo para o autista como uma ferramenta que estabelece no real uma conexão entre a libido que está caótica para algum ciframento de gozo, trazendo uma forma de apaziguamento. Para Maleval (2009/2017) o duplo se apresenta no real como um objeto ou uma figura familiar ao autista, permitindo a este utilizar-se desse suporte para a proteção em relação ao mundo externo, ao passo que também pode em alguma medida, favorecer uma conexão com a alteridade ao seu redor.

Nesse sentido, nos remetemos também as considerações de Freud (1919) sobre o fenômeno do duplo quanto a sua capacidade de permutação e divisão do eu, onde o autor nos indica que o duplo pode se manifestar devido a uma gradação de desenvolvimento no Eu, que lhe permite confundir-se com um duplo de si, atribuindo neste duplo todos os direitos sobre as tomadas de decisões e estados de humor e de saúde. Compreendemos que esse efeito do duplo, para o sujeito autista, pode ser um auxílio e um suporte que o protege e o faz evitar a angústia de se sentir em uma posição de demanda do Outro ou enunciação, ponto este último que abordaremos no tópico seguinte.

Ainda dentro dessa possibilidade de invenção de uma solução particular sob medida, Laurent (2014) nos revela não só o duplo, mas também as estereotípias e os objetos autistas. Brevemente, podemos apontar que nas estereotípias já podemos encontrar uma indicação lógica do sujeito de tentar tratar o desarticulado desarranjo com a linguagem e os estímulos intensos do gozo excessivo que os perseguem. Maleval (2009) nos assinala que o toque compulsivo que os autistas costumam promover nos objetos se demonstra como um recurso de controle dos objetos na tentativa de apagá-lo “assegurando a presença do objeto, em primeiro lugar, e depois afetando o mesmo com uma certa negatividade.” (Maleval, 2009, p. 34). Mesmo que não possa fazer uma assunção de perda, essas estereotípias demonstram um trabalho de tentar enquadrar simbolicamente o objeto no intuito de percutir um sentimento de segurança para os autistas.

No que tange o tratamento de gozo, Maleval (2009) ainda nos pontua que o objeto autístico se apresenta em uma lógica semelhante. Em seu artigo “Os objetos autísticos complexos são nocivos?”, o autor trabalha o uso dos objetos autísticos apresentando alguns pontos desse debate teórico entre os especialistas como também evidenciando a indicação de que certos objetos são uma importante ferramenta no trabalho que o sujeito autista realiza em busca de uma via de uma animação libidinal do seu ser.

Em um primeiro momento o autor nos apresenta que Tustin (1972, *apud* Maleval, 2009) foi a primeira clínica a conceituar o objeto autístico, pontuando suas funções. Para a autora, o objeto autístico serviria tanto como uma ferramenta de proteção, quanto também possuiria funções patológicas. Segundo Tustin, os objetos autísticos são usados como se fizessem parte do próprio corpo do autista forjando uma proteção contra a angústia diante das vivências de ameaças corporais. Entretanto, esse sentimento de segurança pelo uso dos objetos acaba se tornando excessiva, no que a autora descreve como uma “autossensualidade perversa” pelo fato da criança, ao utilizá-los como parte do próprio corpo, colocarem os objetos de uma maneira que não correspondem às suas funções e tenham como efeito um entrave em seu desenvolvimento mental. A partir daí, a autora orienta a direção clínica de visar a queda do objeto autístico no tratamento analítico pois, o uso do objeto acabaria por ultrapassar

suas funções terapêuticas se tornando nocivos ao sujeito por serem usados como instrumentos alheadores, ao estimular sensações inapropriadas e uma deficiência das identificações (MALEVAL, 2009).

Maleval (2009) indica, contudo, que Tustin descreve o fenômeno do uso dos objetos sem conceber plenamente que o sujeito autista situa-se em uma relação transitivista com seu objeto também pela busca de uma dinâmica corporal, a fim de tratar tanto a imagem do corpo como a animação pulsional por intermédio de seus objetos. Observando as diferentes formas nas quais os objetos autísticos se comportam para o sujeito, Maleval (2009) os diferencia em duas categorias: simples e complexos. Os objetos autísticos simples promovem um gozo autossensual que faz barreira ao mundo exterior, formando um apoio para a defesa autística na proteção contra a angústia, mas operando com uma dinâmica pulsional que isola o sujeito. Já os objetos complexos, além de também construírem uma barreira ao Outro, afastam o gozo do corpo do sujeito possibilitando que esse seja localizado em uma borda possível de conexão com o mundo externo.

Maleval (2009) defende ainda que o sujeito autista está em uma posição onde se enxerga como um objeto dentre os outros do mundo, o que destaca sua problemática de funcionamento da dinâmica pulsional. Contudo, é justamente por essa posição de sentir-se como um objeto que é possível que, transitivamente, um objeto possa aderir-se ao sujeito fazendo parte de seu corpo, provocando um sentimento de segurança e apaziguando o gozo antes invasivo. Podemos compreender que essa possibilidade de uso do objeto se relaciona também como a possibilidade de formação do duplo. Na medida em que o objeto autístico acaba por ser uma importante ferramenta no trabalho subjetivo do autista frente ao corpo próprio, ele proporciona ao sujeito uma composição de alguma specularidade, que lhe auxilia na medida em que cria um contorno de constituição do corpo. Quando um objeto autístico pode ser distinguido como um duplo, temos também, então, um tratamento da imagem corporal do sujeito, e esse recurso imaginário promove uma animação pulsional que vincula o autista ao mundo (Maleval, 2009).

Porém, se estamos nomeando aqui que o advento do duplo é um recurso imaginário, como afirmamos anteriormente que o duplo se apresenta no real para o

autismo? Como pontuamos anteriormente, a constituição subjetiva no autismo estaria no campo das psicoses, mas também dentro das possibilidades de que a não extração do objeto *a* do campo do Outro tenha como consequência que a imagem especular não se constitua, não podendo recorrer ao eixo imaginário (MONTEIRO, 2011). A partir disso, podemos compreender que o duplo do autista é encarnado no real, não em uma especularidade propriamente, pois ele se apresenta formado para ao autista num “laço corpo-a-corpo”, encarnando no real. Dessa maneira, o duplo do autista estaria no lugar do objeto *a* como não especularizável, sem imagem no espelho constituída pela retificação do Outro, mas como um duplo de puro real (PIMENTA, 2012).

Nessa perspectiva, tem-se que as invenções – aqui somente algumas foram mencionadas – se tornam soluções particulares, como nomeia Laurent (2014), e ajudam o sujeito autista a realizar uma montagem do corpo, ainda que seja com o auxílio de um objeto fora do corpo, possível de se inserir na alteridade. Um exemplo notório desse trabalho subjetivo a partir das invenções é a construção da “máquina do aperto” de Temple Grandin.

Em seus relatos em primeira pessoa, Grandin (1994, *apud* Maleval, 2009) relata desde a infância sua dificuldade em suportar o toque físico com outras pessoas e, a partir dessa problemática, tinha uma intuição de que talvez a construção de um objeto, ou como coloca, uma “máquina de bem-estar” pudesse regular seus estímulos sensoriais sem a sensação de ser excessivo, como lhe era o toque de outras pessoas. Ao se deparar com uma máquina para gado, um recinto onde o gado era inserido para receber certos tratamentos veterinários, Grandin (1994, *apud* Maleval, 2009) constata que os animais se acalmam quando as paredes se fecham sobre seus corpos, obtendo a ideia de que talvez uma máquina assim pudesse ser o tipo de objeto que buscava. Após alguns anos, ela consegue construir sua “máquina do aperto”, uma ferramenta na qual era possível a Grandin se inserir internamente, para em seguida ativar um mecanismo no qual à medida em que inflava, as paredes da máquina iam encolhendo e fazendo pressão sobre o corpo de Grandin, fazendo com que se sentisse abraçada de forma tranquilizante e cessando sua angústia. Como descreve em suas palavras:

Quando criança” [...] “sonhava com um pequeno nicho de mais ou menos um metro de largura por um metro de comprimento. A máquina de contenção que, finalmente, construí era meu nicho secreto, desejada em meus sonhos infantis. Por vezes, inquietava-me com a ideia de que a máquina de contenção iria esmagar-me, que não conseguiria mais viver sem ela. Em seguida, dei-me conta de que a máquina era só um aparelho de contenção feito de pedaços de compensado. Era uma invenção que eu havia concebido. Os sentimentos e os pensamentos que me vinham na máquina poderiam existir fora dela. Os pensamentos eram fruto da minha mente – não da máquina de contenção (Grandin, [1986] 1994, p. 111 *apud* Maleval, p. 247).

Para Maleval (2009) a máquina de Grandin é uma invenção particular, uma criação original que lhe permite uma certa contenção de seu gozo, proporcionando que o funcionamento pulsional se estruture. É a partir da máquina que Grandin consegue dominar sua agressividade e sua angústia, introduzindo um corte no gozo desregulado, que vai moldando seu corpo pela máquina ao colocar-se no lugar de um animal, o que, dentro dessa identificação, permite que ela possa juntar-se aos seus semelhantes humanos.

Maleval (2009) ainda enfatiza que a “máquina de apertar” não é um duplo de Grandin, ele é um objeto autístico complexo, inventado por ela que permite-lhe acalmar-se, dando sequência a sua interação social. O duplo real de Grandin se apresenta na verdade nos animais que ela observou quando conheceu o funcionamento da máquina de contenção, chegando a posteriormente afirmar que se identificava com o animal e a escrever que “meus esquemas de pensamento visual são de fato mais próximos daqueles dos animais do que dos pensadores verbais.” (Grandin, 1997, p. 184, *apud* Maleval 2009).

Entendendo que o dispositivo clínico seja um campo propício para potencializar as invenções subjetivas, veremos o surgimento do duplo em um caso de autismo como um trabalho do sujeito para esvaziar a plenitude do gozo, localizando-o fora do corpo. Buscaremos em sequência, a partir da vinheta clínica, evidenciar o duplo como uma invenção, a qual auxilia no trabalho da construção de uma imagem corporal para Nathanael, que em sua análise foi apresentando a escolha de bonecos e brinquedos como um duplo que se manifesta no real, se integrando ao Eu do sujeito para possibilitar uma dinâmica pulsional, tratando o gozo e compondo um corpo, também

demonstrando alguma abertura ao laço social ao mediar as suas relações com a alteridade.

Importante destacar, aqui, que o trabalho corporal de Nathanael anda junto em sua análise também com um trabalho de maior cessão do gozo vocal, possibilitando o surgimento de novos significantes que lhe localizem perante ao Outro e colocando o duplo como um suporte para enunciação. Contudo, nesse primeiro momento iremos priorizar debater os efeitos do duplo na construção do corpo, comentando e retomando seu trabalho frente à linguagem no tópico seguinte.

3.1.1 Caso Nathanael: os bonecos-duplos construindo um corpo

A discussão relatada a seguir tem como objetivo traçar um percurso no atendimento clínico de um participante do projeto '*Circulando*' como uma tentativa de identificar alguns dos efeitos possíveis de seu trabalho ao longo destes anos a partir do uso do duplo real. Para tal, além do nosso relato clínico do atendimento, toma-se também um recorte a partir da leitura dos relatos clínicos feitos por Carlos Costa e Fabio Malcher sobre o atendimento que realizaram com este mesmo participante e que se encontram no livro: "*Circulando: Jovens e suas invenções no autismo e na psicose*" (2014).

Nathanael tem 24 anos e iniciou sua participação no projeto aos 14 anos. No início de seu atendimento, chegava ao campus da UFRJ (onde realizam-se os atendimentos do projeto) demonstrando ter bastante dificuldade no controle do seu corpo: numa descoordenação em que seus gestos pareciam como que gelatinosos em direção ao chão, o olhar e a expressão de seu rosto congelados e a boca semiaberta deixando cair saliva. Nas entrevistas e contatos com sua mãe, esta relata que por vezes Nathanael lhe pergunta "*sou seu neném?*", trazendo uma articulação em sequência com os significantes "*chupa chupeta*", "*toma mamadeira*", "*usa fralda*" associações que podiam ser observadas também em seu trabalho na clínica.

Malcher (2014) destaca que o significante bebê parece favorecer para Nathanael um lugar no campo do Outro, daqueles aos quais se ocupam dele, mas que não lhe favorece um corpo articulado para si. Em análise, Nathanael começa a trabalhar justamente a possibilidade de articular algum significante diferente de bebê que possa lhe fornecer um novo lugar diante do Outro e para si, elegendo o duplo como uma ferramenta importante dessa tentativa.

Durante o início do atendimento, Nathanael se utiliza do recurso do duplo a partir de uma boneca-bebê batizada por ele de Ana Luísa. O analista descreve a relação que esse objeto tem para Nathanael como um importante elemento mediador da presença do outro, se apresentando como um duplo real na medida que “quando Nathanael oferecia à boneca-bebê um biscoito, era ele quem comia, ao brincar de dar-lhe de beber, era seu corpo e não do da boneca que brotava o arroto” (COSTA, 2014, p. 75). Destacamos aqui justamente o efeito em que um objeto torna-se um duplo realizando um tratamento da imagem corporal do sujeito em uma dimensão real, conferindo-lhes o estatuto de regulação de gozo em uma tentativa de se subtrair desse excesso ao ligar-se ao objeto.

Assim, Nathanael iniciava uma brincadeira de encenação com sua boneca-duplo, criando cenas e personagens, crianças e adultos, em uma narrativa que trazia também as questões das quais ele próprio se ocupava. Exemplo disso, quando confrontado diante da partilha dos sexos, invocada aqui através das opções entre o brinquedo ir no banheiro feminino ou no masculino, Nathanael responde que o brinquedo: *‘tem piru e perereca, ela é menino e menina, ela é fe-menino’*. Destacamos aqui o significante “*fe-menino*”, pois este nos aponta uma construção particular que Nathanael realiza na tentativa de articular algum significante que possa se apresentar como uma nova articulação que se extraia de alíngua, indicando a utilização de algum esboço simbólico para lidar com o impasse da diferença entre os sexos.

No decorrer do trabalho clínico, Costa (2014) pontua que a boneca Ana Luísa vai se tornando cada vez mais central nas cenas criadas por Nathanael, demonstrando que ele, ao seu modo, põe-se com sua boneca-duplo a construir e compreender o corpo, visto que também passa pela transformação física da adolescência. Em um dos seus atendimentos, Nathanael demonstra se interessar pelos pelos que crescem em seu rosto,

e em seguida, começa a desenhar traços como pelos de barba na sua boneca-duplo, em uma tentativa na análise de corporificar suas transformações a partir do duplo real. O brinquedo aqui, não só se apresenta como uma invenção própria para lidar com o que lhe era enigmático, mas forma um duplo que, através da parceria com o analista, promove uma saída do fechamento autístico ao ser condensador de um gozo, o que permite uma animação pulsional para além da posição autoerótica, promovendo assim a construção de um corpo próprio (COSTA, 2014).

Nathanael continua trabalhando de forma a favorecer a construção de um corpo articulado e um novo lugar diante do Outro mesmo mediante a mudança de analista. Malcher (2014) destaca no seu relato de atendimento o uso de outros bonecos também como o de um duplo, mas destacando a construção de encenações lúdicas nas sessões. Os bonecos são utilizados para compor personagens, crianças e adultos, ambos com funções definidas, demonstrando o fenômeno do duplo na colocação de “um objeto autístico complexo, que afasta o gozo do corpo do sujeito, localizando-o em uma borda, que não apenas faz barreira ao mundo externo mas também promove uma conexão à realidade social.” (MALCHER, 2014, p. 88)

Nesse percurso clínico, o recurso ao objeto como um duplo demonstra ser uma forma na qual ele pode servir-se de sua invenção tanto para articular gozo e significante, como um esforço de Nathanael de se apropriar das mudanças corporais que vem experimentando na puberdade, algo que sempre implica um chamado à partilha sexual.

Ao enfrentar essa questão da diferença entre os sexos, embora não tenha como chegar à diferença lógica que dependeria do preço castração (LACAN, 1971-1972/2012, *apud* MALCHER, 2014), Nathanael empreende um trabalho subjetivo ao indicar a diferença entre os genitais dos meninos e das meninas: “ele pega um boneco que possui um pequeno barbante no lugar do genital e diz ‘é de menino’ (...) quando pergunto sobre a boneca de uma menina, ele diz ‘ela não tem’”. (MALCHER, 2014, p. 93)

Malcher (2014) ainda destaca que apesar da dificuldade de inscrever simbolicamente algo da diferença, o corpo de Nathanael, através do recurso às encenações lúdicas nas sessões, demonstra ir ganhando cada vez mais consistência corporal, se apresentando de forma mais organizada. Acreditamos que esses efeitos

foram possíveis na medida em que Nathanael tinha com seus bonecos a ligação de um duplo que possibilitou uma proteção mediante aquilo que lhe era antes pura invasão de gozo, realizando um tratamento da imagem corporal e do dinamismo pulsional.

3.2 O duplo e a dimensão da linguagem

Podemos compreender que a mesma problemática na constituição do corpo que gera uma inconsistência na imagem corporal do autista, leva também a outra consequência na dimensão da fala e da linguagem. Para que se opere a estrutura da linguagem, onde a relação entre os significantes que determinam um significado possam operar pelo efeito de encadeamento retroativo, é preciso que uma identificação virtual se realize na relação do sujeito com o Outro na passagem pelo Estádio do Espelho. Ou seja, para que o sujeito advenha enquanto um ser falante é preciso o encontro feito com a linguagem também se incorpore ao real de seu corpo (PIMENTA, 2012).

Como consideramos anteriormente, essa relação é falha na medida em que a construção dessa rede não proporciona sua função de reconhecimento. Assim, se o autista tem uma relação singular de defesa radical frente à relação com o Outro, podemos compreender que a palavra também é tomada em sua dimensão simbólica de forma dificultada, em que o acesso a uma posição de enunciação perturba o autista (PIMENTA, 2012).

Buscaremos agora compreender melhor essa problemática a partir de algumas indicações de Lacan. Na “Conferência em Genebra sobre o sintoma”, Lacan (1975) nos indica que o ser humano é essencialmente um ser falante, no qual a linguagem é impregnada ao sujeito e que a ressonância da palavra é algo constitucional desde o início pelo desejo dos pais. No final deste pronunciamento, Dr. Cramer retoma uma consideração de Lacan (de que a mãe é quem fala à criança mas é também necessário que a criança a ouça), indagando a partir dessa a questão: “*o que faz com que uma criança possa ouvir?*”, complementando sua fala dando o exemplo dos autistas para questionar se nesses casos se trataria de um exemplo no qual não seria passível de receber a palavra, onde o ouvir não poderia ser produzido.

Lacan responde ao Dr. Cramer afirmando que os autistas ouvem muitas coisas, principalmente, como o próprio nome indica, eles escutam a si mesmos. Por escutar muitas coisas, os autistas são levados normalmente à alucinação, pois esta sempre tem seu caráter mais ou menos vocal, não significando, porém, que todos os autistas escutam vozes. Apesar de articularem muitas coisas, Lacan afirma que os autistas não escutam o que o outro quer lhes dizer ao se ocupar deles, eles possuem articulações próprias, sendo precisamente destas que é preciso buscar entendimento.

Reformulando sua questão, Dr. Cramer questiona, então, se existiria algo desde o início da constituição humana que faz com que o acesso ao simbólico já seja preparado, que estejamos prontos para receber a mensagem na forma de integrá-la. Lacan pontua que sim, mas realiza um adendo ao constatar que

há algo no autista ou no chamado esquizofrênico, que se congela, poderíamos dizer. Mas o senhor não pode dizer que não fala. Que o senhor tenha dificuldade para escutá-lo, para dar seu alcance ao que dizem, não impede que se trate, finalmente, de personagens de preferência verbosos. (Lacan, 1975, p. 13)

Analisemos agora essa resposta de Lacan por partes. Primeiramente, Lacan traz a indicação de que os autistas são atravessados pela linguagem. Para o autor, mesmo que o sujeito autista encontre-se impedido de elucubrar um saber sobre o discurso compartilhado, ele está imerso em marcas da linguagem anteriores à articulação de significantes, podendo apresentar um saber-fazer próprio frente a estas. Essas primeiras marcas da linguagem, Lacan (1975) apresenta através do conceito de alíngua, enquanto algo transmitido a partir da figura materna, que atua na relação primordial entre o sujeito e o Outro, transmitindo o conjunto das figuras de linguagem e de som, que formam a primeira marca inscrita no ser falante, atravessando seu corpo através da substância sonora.

Com isso, o conceito de alíngua para Lacan compreende como algo que se constitui anteriormente à articulação da linguagem na fala, como algo que foge à limitação pelo simbólico, não se fixando em uma ordem do significado. Mesmo na

construção de articulações próprias, que se apresenta no autismo muitas vezes como falas que parecem desconexas e sem intenção de comunicação, tem-se a presentificação de um efeito da linguagem, como detritos sobre o sujeito depositados pelo campo do Outro, mas que só pode constituir um enxame de significantes que carece de simbolização.

Ainda através do ensino de Lacan (1972/2003), compreende-se que a língua só se anuncia através de enigma, por trazer algo que vai além do que a linguagem falada pode enunciar, escapando ao sujeito e transmitindo um saber que não incorpora uma comunicação. Diante dessa dimensão diacrônica de língua, que não estabelece relação com o Outro, é que podemos compreender também a afirmativa de Lacan sobre algo que se congela no autista. Freire e de Oliveira (2010) consideram como hipótese frente essa referência de Lacan, uma menção à ordem do significante Um (*S1*), na medida em que esse significante permanece congelado, solidificado, no sentido de não formar uma cadeia, não executando a sua função de representar o sujeito e se remeter a um *S2*, deixando a linguagem sem um significado compartilhado.

Podemos considerar também que o encadeamento dos significantes, através de um trilhamento que é a marca diferencial do ser humano e ponto de suporte frente à realidade, se estabelece a partir de marcas da relação com o Outro na medida em que o significante possibilita o estabelecimento de um gozo fálico vinculado a uma significação. Sem conseguir formar o intervalo entre o Um e outros significantes, o espaço que funda o campo do Outro como lugar da linguagem fica comprometido, privilegiando a materialidade do significante em detrimento de sua dialética, posição essa que língua testemunha.

Por essa estruturação frente à linguagem, compreendemos que o sujeito autista está fora do efeito do discurso que faz um laço social, na medida em que as manifestações verbais e motoras que veiculam não são endereçadas a um outro para estabelecer um laço de comunicação. Apesar dessa posição, Lacan afirma que os autistas são indivíduos preferencialmente verbosos, sendo sujeitos incluídos na linguagem, mesmo que estabelecendo uma relação singular. Para Freire e de Oliveira (2010), o termo “verboso” destaca justamente que não é possível compreender a linguagem para o sujeito autista como num tempo pré-verbal mas sim, devido à

problemática na articulação dos significantes em cadeia, em um tempo do verbo onde o gozo só se pode estar presente com excesso. Pode-se compreender a afirmativa das autoras na indicação de Lacan (1967/2003) de que a criança autista não está constituída em um momento pré-verbal, porém constituída na linguagem. Afinal, uma criança que tampa os ouvidos apela a uma posição na qual se protege do verbo, excessivo.

Dessa maneira, pontuando a posição dos autistas como verbosos, pode-se compreender que a noção de alíngua articulado ao estatuto da linguagem para o autista, favorece ao sujeito uma alternativa, para que este possa se servir de algum traço que forme uma produção de suporte, uma resposta para a relação enigmática do Outro. Como por exemplo, retomamos aqui a construção fonética do “*fe-menino*” de Nathanael, descrita no tópico anterior. A partir da introdução da diferença no campo do significante, foi observado uma construção singular de um novo significante que desse conta do que surgia como enigmático. Nessa construção de um significante próprio vemos tanto uma nova articulação com a linguagem como uma abertura ao laço social, ao compartilhar a palavra com seu analista através da brincadeira com seu duplo, conseguindo fazer uso de alíngua sem se implicar na posição enunciativa.

Essa posição de enunciação é sentida como mortífera aos autistas (DI PIETRO, 2017) que, como nos indicou Lacan (1975), não escutam justamente quem quer se ocupar deles, demandando um esvaziamento da presença enunciativa do Outro. Podemos compreender que a enunciação provém da estruturação em uma rede de significantes provenientes do Outro primordial, que através de alíngua dita materna, marca o corpo e produz o trauma no *infans*. Contudo, esses detritos da fala de um Outro dito primordial depositados no corpo da criança não são subjetivados no autista, uma vez que o sujeito não se apropria dele. Sem conseguir empreender essa forma de subjetivação, temos a linguagem se apresentando sem uma articulação que possibilitaria a posição de enunciação (MONTEIRO, 2011). Como nos explica Vorcaro (2009/2017):

A ausência do recalque torna pendente a identificação primordial, sem operar a alienação ao Outro da linguagem. Não incorporando a voz como alteridade do que é dito, o autista fica sobrecarregado por um gozo vocal desregulado, não cifrado desde o balbucio. É o que impede a enunciação e reduz a função reguladora do gozo pelo aparelho da linguagem, em prol

da biunivocidade plena de cada palavra ou coisa, uma a uma, sem surpresas nem alterações.” (VORCARO, 2009/2017, p. 11)

Conforme afirmam Pimenta e Drummond (2009), essa ausência de alienação no significante do Outro exclui a identificação, fazendo com que o espaço virtual onde se origina o semelhante especular e a alteridade não exista para o autista. A sua posição como sujeitos verbosos afirma essa ausência de specularidade e de enunciação, ao destacar sua recusa à alienação significante na fala, postulada com um mínimo de mensagem e sem que a emoção possa ser transmitida. Para as autoras, a fala dos autistas pode até conseguir se conectar com uma significação, mas está necessariamente desconectada da enunciação do sujeito, sendo uma resposta que busca anular o Outro.

A partir desses impasses compreendemos porque ocupar uma posição de enunciador não é fácil para o autista, visto que ocupar esse lugar implica necessariamente em lidar com uma resposta do Outro que é vivenciada em excesso por meio da voz e do olhar. Contudo, Pimenta e Drummond (2009) também destacam que a partir das invenções particulares dos autistas, por sua relação com os objetos, é possível construir uma relação pacífica com o mundo e com o outro. Para o autista, o semelhante não se origina na alienação e na alteridade, mas pode emergir a partir do duplo como uma divisão do sujeito no real.

Em consonância com a posição das autoras, Maleval (2009/2017) indica que o sujeito autista usa o seu duplo para se animar libidinalmente regulando o gozo pulsional e ordenando a sua realidade. O autista coloca-se sempre numa posição de controle de seu duplo, no qual passa a ter para ele uma função tranquilizadora, de quem ele aceita se fazer parceiro, se relacionando com ele e escapando de uma necessidade de desaparecimento frente à alteridade. Assim, o duplo permite uma organização frente ao gozo que o protege em relação ao mundo sentido como invasivo, possibilitando também que ele se insira de certa forma no laço social, formando um suporte com seu duplo na qual o sujeito possa falar por procuração.

Embora não substitua o ciframento do gozo pelo significante, o duplo desloca o lugar de emissão da enunciação, fazendo falar o duplo no lugar do sujeito, que se mantém protegido. Criando uma distância da demanda do outro, o duplo assume como

função a posição de suporte de uma enunciação artificial, construção que age fazendo com que seja possível ao sujeito falar de si, ao mesmo tempo que respeita as defesas autísticas e é captador de gozo (MALEVAL, 2009/2017).

Voltaremos agora ao caso de Nathanael para ilustrar como o duplo pode operar na construção de uma localização frente à linguagem, ao se integrar ao Eu do sujeito em uma tentativa de situar-se frente a alteridade.

3.2.1 Caso Nathanael: o duplo na enunciação de um garoto

Posteriormente, considerando agora seu atendimento comigo, Nathanael avança em seu trabalho de se deslocar do lugar de bebê, utilizando em sua atividade o recurso musical. Em suas sessões, ele se utiliza do aparelho de som do projeto para ouvir músicas que escolhe e também destaca versos das letras para questionar temáticas que o permeiam, como, por exemplo, ao me interrogar: *‘o que é romântico?’*, *‘O que é menino malcriado?’* entre outras. Nathanael demonstra, assim, escolher músicas específicas, para que a partir de um recorte da melodia, introduza na sessão o que gostaria de falar.

Apostando neste recurso, Nathanael começa a trazer outras ligações para o significante bebê. Em uma das sessões, onde questiona sobre *“O que é menino malcriado?”*, decido lhe dizer que não sei e que poderíamos tentar saber juntos, percebo como esse seu recorte singular das letras pode estabelecer um diálogo onde a comunicação seja facilitada. Pergunto-lhe: *“o que você acha que pode ser malcriado?”*, quando ele prontamente responde *“Sou um bebê malcriado”*, e ri. Retorno perguntando: *“Você é um bebê?”*. Ele diz *“É, usa (sic) fralda. Chupo chupeta... olha aqui o berçário do Nathanael quando era bebê”* (e aponta para o sofá da sala). Pergunto então: *“Quando era bebê? Então já não é mais?”*. Ele fica em silêncio por um tempo, e em seguida começa a rir, me respondendo: *“É mentira! Eu sou gente grande.”*. Pergunto *“E o que gente grande faz?”*, sendo respondida com *“Vai pra escola, escuta música... não sou bebezinho, não.”*

Observando os elementos trazidos pelo próprio Nathanael, foi possível notar que o significante “bebê” ainda se apresenta de alguma forma como um significante privilegiado para ele, que demonstra, até então, tentar deslocar-se em análise, trazendo outras ligações para o significante bebê mesmo que, inicialmente, pela introdução do *não*.

Justamente após esse diálogo, Nathanael começa a trazer nas sessões a fala “*não sou bebezinho, não*” de forma solta, sem nenhum contexto prévio ou ligação aparente com a música, o que demonstra o quanto esse significante lhe atravessa. Nathanael, porém, começa a me apresentar um trabalho de tentativa de busca por outros significantes que possam também representá-lo. Como, por exemplo, na vez em que ouvíamos uma música de um de seus cantores favoritos, e ele questiona: “*Ele é um garoto?*”. Após confirmar que ele queria saber sobre o cantor, pergunto o que ele acha, dizendo que eu não sei a idade dele. Recebo a resposta: “*Ele é um garoto. Eu sou um garoto; não sou bebezinho, não*”, demonstrando, para mim, se utilizar de alguma forma de identificação com o cantor para poder afirmar sobre si.

Nesse ponto, Nathanael também demonstra se apropriar da figura do cantor como uma forma de duplo para lidar com a demanda do outro em outras situações. Em uma das sessões, sua mãe menciona antes de irmos para a sala de atendimento que “*Hoje, ele está cansado; ficou o dia todo na rua*”. Início a sessão, então, perguntando se ele estava realmente cansado, sem me questionar muito se dessa forma não poderia também estar ocupando uma posição de demanda. Apesar de ter sido interpelado sobre o seu cansaço, Nathanael, que já tinha pego o rádio para colocá-lo na tomada, responde: “*Hoje o Luan Santana não queria sair não*”, o que *a posteriori*, compreendo que era a forma que Nathanael conseguiu falar sobre si, mas na enunciação do duplo, realizando um tratamento do outro para que ele se apresente menos pleno e demandante.

A figura do cantor demonstra uma forma de duplo na qual Nathanael se apropria sem que haja para si a posição de enunciador, conseguindo uma forma de compartilhar de outras maneiras sua experiência com os elementos que o cercam, sem que fique invasiva a palavra do Outro. Em outras sessões, ele ainda demonstra se empenhar em um trabalho que possa localizar a partilha sexual, se utilizando do cantor elegido como um duplo para falar de si: Nathanael escolhe um videoclipe onde um cantor sertanejo

está cantando com outras duas mulheres. No meio do vídeo, Nathanael me olha e diz “*Ele tem duas. Tem duas namoradas. São duas. Na escola também são duas*”. Pergunto-lhe “*Na escola ele tem duas namoradas?*”; e Nathanael responde: “*sim, uma em cada escola. E beija na boca!*”, prosseguindo o assunto me relatando sobre suas namoradas e a rotina deles na escola.

Outro exemplo do uso de duplo por Nathanael para além do cantor foi com um passarinho, um bicho de estimação, presente de sua mãe, que ficava em uma gaiola em sua casa e foi nomeado com o mesmo nome: Nathanael. Em uma determinada sessão, Nathanael entra na sala de atendimento me dizendo: “*Hoje Nathanael fugiu.*” Então lhe pergunto: “*Fugiu para onde?*”. Ele me responde: “*Ele ‘fuuugiu’, voou, voou.*” Pergunto novamente “*Como ele saiu voando?*”. Nathanael se levanta, sorri, senta novamente e diz: “*Ele fugiu, ó; fugiu; ‘tá’ aqui; ‘tá’ aí, ó... [silêncio]... Veio pra cá!*”, e sorri novamente. Ao final dessa sessão, sua mãe me conta brevemente que Nathanael não queria ir para casa depois da escola. Ela diz: “*Só quer saber de rua hoje, mas tem que descansar de tarde em casa, não é?*”. Nathanael nada diz. Algumas sessões depois, descubro que neste mesmo dia, após o atendimento, Nathanael foi para casa e abriu a gaiola do pássaro, que fugiu.

Dentro desse percurso clínico, questionei se todas essas demonstrações (os bonecos em cena, o cantor e o passarinho) poderiam ser, todas elas, consideradas como formas de duplo real? A minha aposta clínica foi que sim, pois Nathanael me apresentara com todos seus duplos um trabalho onde o gozo do corpo é localizado e circunscrito, que promove conexões com a realidade e com a alteridade (MALEVAL, 2009/2017). Além disso, Maleval (2009/2017) destaca a possibilidade do duplo com um personagem de televisão, e aqui consideramos o mesmo com a imagem do cantor em vídeos no *Youtube*, ser bastante manifesto em crianças autistas. Na medida em que os autistas consideram essa imagem um ser vivo que emite palavras, mas sem a presença concreta de um enunciador, esses personagens podem também serem facilmente controladas pelo sujeito que se vale deles para construir ganhos em sua expressividade. Com os animais, e aqui relembramos também como exemplo o duplo de Grandin com o gado, Maleval (2009/2017) aponta como esses seres se apresentam não só como uma

proteção, mas como um tranquilizador intermediário entre o sujeito e o mundo que lhe cerca.

Embora a posição de enunciação ainda seja difícil para Nathanael, não há uma posição de recusa radical. Pude perceber por diversas vezes com o uso do duplo durante os atendimentos que sua fala ficava mais fluente, havendo maior cessão de gozo vocal, o que demonstra que esse recurso cumpria a função de aparelhar o excesso pulsional, mediando a relação do sujeito com o outro e apontando na direção de alguma tentativa de abertura ao laço social por parte Nathanael (MALCHER, 2014).

Com seus duplos, Nathanael demonstrou construir uma invenção que suporta sua imagem, possibilitando a animação pulsional e uma maneira de estabelecer uma conexão com o outro, colocando o duplo como um instrumento privilegiado para o estabelecimento de uma transferência com a analista. Portanto, enfatiza-se o posicionamento do analista de aceitar se tornar um ponto de apoio que seja capaz de estimular e reconhecer a invenção como um trabalho que circunscreve a singularidade subjetiva. Seguindo essa direção, usando o que o autista já traz como instrumento, é possível ver o duplo como um efeito na clínica que auxilia na saída do sujeito de um modo de gozo solitário, de forma que estes sujeitos possam, então, realizar um inserção na pólis, se incluindo em espaços e papéis por meio de uma enunciação que lhe seja mais suportável.

CONCLUSÃO

Iniciamos nosso percurso de trabalho apresentando, como questão de partida, a interrogação sobre como o fenômeno do duplo pode se manifestar na clínica com as psicoses. A partir da proposta elaborada por Lacan de não recuar diante da psicose, buscamos, nesta pesquisa, privilegiar a apresentação do fenômeno do duplo para aqueles que se sentirem mobilizados por tal convocação. Como um trabalho que se apresenta a partir de impasses e reflexões proporcionadas pela experiência com a clínica psicanalítica, consideramos a clínica como um método de investigação, e compreendemos que nessa metodologia o objeto de estudo promove constantemente novos questionamentos, difíceis de serem esgotados. Mesmo assim, podemos extrair algumas considerações sobre o que se apreendeu neste recorte de trabalho.

Partimos da formulação teórica freudiana ao compreender que o duplo está remetido a constituição subjetiva. Essa percepção tem como base os primeiros escritos de Freud (1895), que relatam a primeira experiência de satisfação e a exigência de intervenção de uma ajuda alheia para o desenvolvimento psíquico do recém-nascido. Dentro dessa relação de cuidado, destaca-se a figura do próximo como aquele que se ocupa do bebê, propiciando não só as satisfações pulsionais, mas, concomitantemente, incidindo sobre estes traços de percepção primordiais. Dessa forma, compreendemos com Freud que a contrapartida do estado de desamparo é a dependência do outro, relação essa que se remete ao duplo pela necessidade que se apresenta ao sujeito de que um outro reconheça o seu apelo como demanda.

Consideramos também com Lacan que, no encontro com o próximo, o sujeito é tomado por um investimento libidinal e também pelos significantes do Outro, onde diante desse encontro com a linguagem é possível ingressar ao mundo pela primazia do simbólico. Como o sujeito necessita primeiramente ver um reflexo de sua imagem fora de seu corpo para apreender seu Eu, ele se concebe, a princípio, como exterior a si próprio, como um duplo de si mesmo. Com isso, é preciso a existência de uma operação de extração do campo do Outro, de uma renúncia pulsional, deixando que algo falte e

mantenha-se isolado do sujeito, possibilitando sua diferenciação do Outro e o estabelecimento de uma identificação primordial que delimita a própria imagem. Dependendo dessa extração, que possibilita apreender uma autenticação simbólica do Outro, compreendemos que a incidência do significante realiza uma operação psíquica que confere ao sujeito uma unidade corpórea representativa do Eu e uma demarcação do mundo externo. Dessa maneira, a captura imaginária do Eu é recortada pela marca de uma simbolização primordial, onde o significante se impõe ao corpo, e o objeto *a* se apresenta como extraído.

Contudo, destacamos também que, ao mesmo tempo em que essa extração atua – cortando os significantes encontrados no discurso do Outro e marcando o lugar de uma diferença –, algo, *das Ding*, escapa como inassimilável dentro dessa simbolização primordial, configurando uma alteridade inapreensível que resta no real. Essa operação de ajuda alheia atua frente a dimensão pulsional e instaura uma busca pelo objeto de satisfação primeiro, mas essa satisfação remete ao campo de *das Ding*, ficando para sempre perdida. Assim, como resultado da separação entre o gozo e o Outro operada pelo simbólico, temos apenas o objeto *a* como testemunha. Logo, a articulação da linguagem também se dá a partir da incidência do significante, que necessariamente envolve uma perda de gozo para possibilitar uma separação entre um real inassimilável, *das Ding*, e o lugar da cadeia dos significantes, o Outro.

A partir do processo de constituição subjetiva, podemos compreender também o fenômeno do duplo e sua relação com o domínio do *Unheimlich*. Para Freud, a expressão do infamiliar aparece na ligação com algo que era familiar, que deveria permanecer oculto mas retornou. Destacando o mecanismo do recalque e a formação do narcisismo, o infamiliar é compreendido em um caráter de ambivalência, denunciando que é possível ao Eu ser dividido entre algo próprio e também alheio. Nessa ambiguidade, entre íntimo e estranho, dentro e fora, podemos considerar que o duplo consegue advir manifestando tanto o íntimo como a exterioridade radical, em uma condição de êxtimo. Para Lacan, o duplo vem surgindo como um lugar privilegiado para manifestação do *Unheimlich* justamente porque ele releva a não autonomia do sujeito em sua posição de objeto.

Retomando novamente o momento lógico da simbolização primitiva, destacamos também a possibilidade de ocorrer a rejeição de um significante primordial, uma *Verwerfung* primitiva, comprometendo a simbolização e a afirmação primordial da dimensão da perda. Compreendemos essa possibilidade na qual o Outro não se apresenta enquanto uma alteridade varrida de gozo como a forclusão do significante do Nome do Pai, condição essa que estrutura o sujeito psicótico. Por consequência, na psicose tem-se a ausência de um operador fálico e o registro imaginário não fica reestruturado pela primazia do simbólico, o que faz com que essa inscrição que foi abolida internamente retorne no real.

Se se compreende que é somente a partir de uma interdição sustentada pelo significante Nome do Pai que se torna possível a entrada simbólica do sujeito na linguagem, depreende-se que o sujeito psicótico não consegue articular uma nomeação no lugar do Outro. Além disso, na medida em que é na realidade exterior que aparece o que não está remetido a uma inscrição do significante, o mundo externo e o campo do Outro não foram organizados pela incidência do significante, o que gera impasses ao laço social. Contudo, verificamos na clínica com as psicoses tentativas de trabalho desses sujeitos para compensar sua falta estrutural de um operador simbólico através de invenções possibilitem uma localização de gozo e na alteridade.

Reconhecemos que o duplo se apresenta dentro dessas possibilidades e colocamos como esse fenômeno pode se relacionar de formas diferenciadas, de acordo com a especificidade do sujeito psicótico. Diferenciamos primeiramente o duplo imaginário como um recurso que se manifesta na paranoia, formando um apoio pela imagem especular. Se a realidade não pode ser organizada por um significante fálico do simbólico, o sujeito na paranoia pode buscar facilitar sua localização na alteridade pelo nível do semelhante, construindo um duplo como forma de se fazer nomear e tentar situar uma posição para o Outro. Contudo, a relação especular carrega em si a marca de uma tensão imaginária, em que algo de íntimo do sujeito pode ser percebido como alguma coisa externa, e a imagem do Outro pode assumir o caráter de uma concorrência imaginária primitiva. Logo, o duplo imaginário envolve também a possibilidade na qual o sujeito possa considerar o seu duplo como aquele que controla a possibilidade ou não

de sua própria existência, trazendo uma rivalidade e uma agressividade como forma de limitar o Outro.

No tocante deste fenômeno, vimos com o caso de Pedro, o recurso do duplo se apresentar em uma bengala imaginária com Gabriel. Dessa relação, percebemos que a estratégia de compensação imaginária do duplo, em junção com a invenção das histórias em quadrinhos, pode auxiliar Pedro na formação de uma imagem de si e na abertura frente à alteridade. Entretanto, observamos também com o desenvolvimento desta relação especular formalizada por Pedro, que esta saída pode ser precária e limitada, transformando o seu objeto de identificação também em objeto de controle e agressividade.

Além disso, especificamos o duplo no autismo, a partir do caso de Nathanael, como um suporte que se apresenta no real. Por não poder se localizar pela relação especular ou se posicionar pelo significante simbólico, vimos que o campo do Outro se apresenta no autismo sem delimitação, precisando ainda ser constituído. Dessa maneira, o autista pode realizar uma tentativa de organização pelo real a partir do duplo, já que este localiza o gozo desarticulado possibilitando uma dinâmica pulsional, sem deixar de respeitar a organização defensiva do sujeito. Dessa perspectiva, ao se integrar ao sujeito, o duplo também pode vir a representá-lo, mediando as suas relações com a alteridade ao construir um suporte na qual o sujeito possa inserir algo de si sem ocupar a posição de enunciação.

Conseguimos observar essa posição diante do caso de Nathanael, onde, primeiramente, o duplo se apresenta nos objetos. Construindo um recurso ao corpo a partir das encenações com os bonecos, Nathanael demonstrou se utilizar do artifício ao duplo para realizar um tratamento da dinâmica pulsional, localizando o que antes lhe era apenas dispersão de gozo. Seguindo na aposta de trabalho pelo duplo, podemos observar também, na análise de Nathanael, uma crescente maior cessão do gozo vocal, quando o sujeito consegue colocar algo de si para o encontro com a alteridade.

Devido a multiplicidade na qual o duplo se relaciona com outros fenômenos na psicose, temos a impressão de que não é possível dar conta de todas as questões nas quais essa invenção nos convoca. Em contrapartida, se renova as interrogações,

demonstrando existir outros pontos ainda possíveis de serem explorados. Por exemplo: como podemos relacionar o fenômeno do duplo com o manejo da transferência?

No caso de Pedro, inicialmente viu-se que, enquanto Gabriel se utilizava da presença da analista para barrar à presença excessiva de Pedro, o último, em contrapartida, se utilizava da presença da analista para secretariar suas invenções. Comprendemos que, na paranoia, o analista pode facilmente encarnar também o papel de perseguidor, demonstrando uma possível regressão ao estágio do espelho onde o Outro faria do sujeito seu objeto. Nesse sentido, para não se colocar em um lugar identificado pela paranoia como assumindo a posição em que o Outro goza do sujeito, o manejo clínico necessita operar a partir de um esvaziamento de um saber prévio.

Caso não se mantenha em uma distância da posição de Outro invasor, a(o) analista pode se apresentar como um obstáculo ao trabalho de inserção ao laço social. Mas qual é a medida apropriada para tal distanciamento? De que forma um(a) analista pode modular sua presença para servir como um apoio para barrar o gozo e não como uma presença que o desorganiza?

No caso de Nathanael, concorda-se com Maleval quando ele afirma que o duplo pode constituir uma via privilegiada para o estabelecimento de uma transferência com o autista. Quando interpelado pela analista através de seus duplos, como o cantor ou o passarinho, Nathanael demonstrou aceitar com maior facilidade ceder o gozo vocal. Apesar de ainda manter uma fala recortada, a aposta de trabalho pelo duplo possibilitou uma modalidade na qual sujeito pode enunciar uma emissão de si. Maleval também ressalta, contudo, a necessidade de que o analista saiba apagar sua presença, pois se ele encarnar demais a posição do duplo, acaba por nutrir uma vivência de intrusão destrutiva. Se, apesar de não estar remetido a tensão imaginária da constituição do Eu, o duplo no autismo também pode apresentar uma dimensão agressiva, como podemos compreender e diferenciar a possibilidade de agressividade do duplo no autismo? Seria uma maneira na qual o sujeito também tenta controlar e limitar a alteridade?

O domínio do *Unheimlich*, e o aspecto de íntima familiaridade com uma exterior estranheza, foi apresentado aqui brevemente. Freud e Lacan mostraram que a constituição de uma unidade do Eu funda-se na exclusão, na expulsão da diferença, que

é colocada para fora como um outro, mas com caráter êxtimo. Especialmente, a partir das contribuições teóricas de Lacan, compreende-se que no gozo algo se apresenta na ordem do insuportável, o que traz a questão da segregação como um fator que sempre se coloca de maneira iminente ao sujeito na estrutura social. A partir das exigências e problemáticas contemporâneas sobre o gozo, podemos compreender a segregação em uma íntima articulação entre o estranho e o familiar? Justamente pela expulsão da diferença como uma tentativa de excluir o Outro, o *Unheimlich* tem se apresentado na contemporaneidade como uma problemática que afeta a relação do sujeito com a alteridade?

Apesar de apresentar tantos novos questionamentos, chegamos ao momento de concluir as considerações e as questões colocadas, deixando como horizonte o desejo de seguir com pesquisas futuras. Ao promover o encontro com a sua própria infamiliaridade, a psicanálise evidencia a condição de estrangeiro do próprio sujeito e coloca, como proposta de trabalho em uma análise, a possibilidade de criação de novos sentidos estranhamente íntimos ao desejo. Espera-se que tenha sido possível ressaltar aqui essa potência da clínica e do duplo.

REFERÊNCIAS

- COSTA, C. A. R. (2007) *Psicose e linguagem na obra de Jacques Lacan: semântica e estrutura*. Dissertação de mestrado de Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, UFRJ.
- DI PIETRO, Andréa. *Do próximo à alteridade nos autismos*. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.
- FREDERICO, Cristina. *A psicose não desencadeada: um programa de investigação clínica*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2008.
- FREIRE, Ana Beatriz. (2002). A constituição do sujeito e a alteridade: considerações sobre a psicose e o autismo. *Estilos da clínica*, 7(13), 78-91.
- FREIRE, Ana Beatriz., & de Oliveira, E. C. (2010). Sobre o tratamento analítico de um caso de autismo: linguagem, objeto e gozo. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(2), 257-268.
- FREIRE, Ana Beatriz; & MALCHER, Fabio (Orgs.). *Circulando: jovens e suas invenções no autismo e na psicose*. Rio de Janeiro: Subversos, 2014.
- FREUD, S. (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12, 15-89.
- _____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 14, 83-119.
- _____, S. (1915). *Os instintos e suas vicissitudes*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14, 123-144.
- _____, S. (1919/2010) *O Inquietante*. In: *Obras Completas de Sigmund*, Vol 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010
- _____. (1923). O eu e o isso. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 19.
- _____, S. (1925). *A negativa*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.19.

- _____, S. *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v.1. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____, S. (2019). *O infamiliar [Das Unheimliche]* – Edição comemorativa bilíngue (1919-2019): Seguido de O Homem da Areia de ETA Hoffmann. Autêntica.
- GARCIA-ROZA, L. A. (1995). *Introdução à metapsicologia freudiana 3: Artigos de metapsicologia, 1914-1917: Narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Zahar.
- LACAN, J. (1938) (1985). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1948). *A agressividade em psicanálise*. Em *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1949/1998) “*O estádio do espelho como formador da função do Eu*”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1953-54). *Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- _____. (1955). Apêndice I–Comentário falado sobre a Verneinung de Freud, por Jean Hyppolite. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1955-1956/2010). *O seminário*. Livro 3. As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. (1959-60) *O Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1962-1963) *O seminário: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1968-69) *O Seminário, Livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1969/2003). *Nota sobre a criança*. J. Lacan, Outros escritos, 369-370.
- _____. (1972/2003). *O Aturdido*. In: Outros escritos (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972) [Links]
- _____. (1975). *Conferência em Genebra sobre o Sintoma* (4 de outubro de 1975). Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, (23).
- _____. (1985). *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1954-55)

- _____. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1932/1987.
- _____. *O Seminário*, livro 10: *A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, [1962- 63] 2005.
- _____. (2003). *Alocução sobre as psicoses da criança*. Lacan, J. Outros escritos.
- LAURENT, É. (2014). *A batalha do autismo: da clínica à política*. Zahar.
- MALCHER, F. *Os Impasses do Laço Social na Psicose*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.
- MALEVAL, J. C. (2009/2017). *O autista e a sua voz*. Editora Blucher.
- _____. (2015). Por que a hipótese de uma estrutura autística. *Opção Lacaniana online*, 6 (18), 1-40.
- _____. 2009. *Os objetos autísticos complexos são nocivos?* Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 223-254, ago. 2009
- MARTINS. (2017). *A experiência do duplo especular nas psicose*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2017.
- MILLER, J. A. (2010). *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós
- _____. (2012). *A psicose ordinária*. A Convenção de Antibes. Belo Horizonte: Scriptum. (Originalmente publicado em 1998).
- MONTEIRO, Katia Alvares de Carvalho. *O tratamento do gozo no autismo: clínica psicanalítica e objetos autísticos*. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.
- PIMENTA, P. & DRUMMOND, C. *Pode o autismo ser diferenciado da esquizofrenia?* Almanaque On-line, 3(5), jul./dez. 2009. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- PIMENTA, P. R. *O objeto autístico e sua função no tratamento psicanalítico do autismo*. 2012. 2012. PhD Thesis. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- RANK, O. (1914/2013). *O duplo: um estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Dublinense, 1.

SANTOS, Tania Coelho dos, & OLIVEIRA, Flávia Lana Garcia de. (2012). *Teoria e clínica psicanalítica da psicose em Freud e Lacan*. *Psicologia em Estudo*, 17 (1), 73-82. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000100009>

VOCARO (2009/2017). *O autista e a sua voz*. In Maleval, J. C. (2009/2017). Editora Blucher.

VORCARO, Angela; LUCERO, Ariana. ENTRE REAL, SIMBÓLICO E IMAGINÁRIO: Leituras do autismo. *Psicologia Argumento*, [S.l.], v. 28, n. 61, nov. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19839/19145>>